

GOVERNO DA BAHIA APRESENTA



CACHOEIRADOC

IX FESTIVAL DE DOCUMENTÁRIOS DE CACHOEIRA

GOVERNO DA BAHIA APRESENTA



04 a 20 de Dezembro de 2020

SUMÁRIO

- 04** AGIR COMO ÁGUA
- 07** SESSÃO DE ABERTURA
- 09** SESSÕES ESPECIAIS
- 15** MOSTRA DE DOCUMENTÁRIOS BRASILEIROS
- 73** DEBATES
- 76** MOSTRA CINEMA EM VIZINHANÇA
- 91** CICLO DE CONFERÊNCIAS
- 93** TROCA DE SABERES
- 106** LANÇAMENTO DO LIVRO
- 108** CELEBRAÇÃO DE ABERTURA
- 111** ENCERRAMENTO
- 113** OFICINAS
- 118** FICHA TÉCNICA

AGIR COMO ÁGUA: CACHOEIRADOC, O RETORNO ALÉM DAS MARGENS DO PARAGUAÇU

Por Amaranta Cesar

Tem momentos em que a gente tem de estar na luta como água. A água vai pingando: pin, pin, pin... Ninguém está vendo a água pingando. Daqui a pouco, você vê que está tudo alagado. É assim que a gente vai ter que agir, como Dandalunda, como Oxum, como Aziri, como água¹.

A pretexto de nos falar sobre cinema e sua relação com os terreiros, Makota Valdina, professora, militante negra, ambientalista, defensora dos direitos das mulheres e liderança religiosa do Nzo Onimboyá, terreiro de nação angola em Salvador, nos legou essa instrução de sabedoria política, uma lição de vida, numa das sessões do CachoeiraDoc, em sua última realização, datada de setembro de 2017. Era uma edição marcada pelo signo do fogo: chammas atravessavam as peças gráficas do festival, a interpelar os espectadores frente às derrotas políticas que sofríamos naquele momento e que se adensariam na dimensão da barbárie dos dias atuais. O fogo ardia nos cartazes espalhados por Cachoeira e na tela do Cine-Theatro Cachoeirano: mas Makota Valdina oferecia ali um contraponto antecipatório.

De lá para cá, o CachoeiraDoc fez uma pausa forçada por dois anos, e em março de 2019, de modo precoce e inesperado, Makota Valdina nos deixou. E aqui estamos, retomando o festival e oferecendo alimento para sua memória, pingando água na terra fértil que ela foi, que ela é. Homenageá-la é a forma que encontramos de nos juntar ao trabalho de fecundação do presente com a força da ancestralidade para garantia de vida. Como diz Conceição Evaristo, o ancestral coloca o novo no mundo.

Nascida em 1943, no Engenho Velho da Federação, bairro popular de Salvador onde passou toda sua vida, detentora de uma pedagogia única, de uma ciência ainda por existir, Makota Valdina, desde a sua juventude, como professora negra e militante, já dava lições em palavras e gestos que são cada dia mais atuais. Ela construiu,

em trânsitos por bibliografias e cenários os mais diversos, uma trajetória de quem nunca se negou a ir com a sua voz e o seu corpo onde estava a luta, pela vida, pela liberdade, pela justiça, contra o racismo, enfrentando quem quer que fosse – e disso se orgulhava. Mas a sua singularidade parece estar em amalgamar esse poder incendiário, que a fez uma guerreira admirável, a uma profunda ancoragem, recolhida na vivência dos fundamentos de uma milenar experiência de saber/poder, para a qual não há dicotomias – entre cultura e natureza; política e espiritualidade; visível e invisível; humanos e não-humanos. E é desse lugar que Makota Valdina oferta inteligência também para o cinema:

Quer fazer filmes? Quer fazer imagens sobre candomblé? A toda hora a gente tem como fazer, porque todas as formas de racismo que a gente sofre atingem o candomblé. Porque a maneira como a sociedade vê as pessoas de candomblé é como a sociedade vê cada descendente de africano que existe na sociedade. (...) É preciso acabar com os exotismos, com as folclorizações, e encarar a diferença: tem uma cultura diferente, que pensa de modo diferente, vê o mundo de maneira diferente, interage com esse mundo de uma forma própria².

Ao abordar os limites do cinema e do documentário em relação ao sagrado, Makota Valdina traz, para além deles, a complexidade, de natureza ontológica e política, do nosso modo de estar e interagir com o mundo.

Em algum sentido, ainda por se revelar completamente, a profundidade da experiência de mundo que a forjou, bem como os limites que reivindicava e o tipo de engajamento que eles convocam, nos conduzem a um conjunto de interrogações formulado por Denise Ferreira da Silva, se o tomarmos, por um desvio, para pensar também o cinema:

Quantas vezes mais deve o trabalho crítico e criativo recitar os episódios de violência colonial e racial? Quantas vezes se deve exigir o reconhecimento de que ocorreu uma injustiça? De que outra maneira se pode articular um grito por justiça? Quantos corpos mortos teremos que acumular até que haja bastante evidência?³

Ao expor o insuportável acúmulo de evidências e a sua exaustão enquanto estratégia discursiva e imagética num mundo estruturado pela violência racial e colonial, as interrogações de Denise

Ferreira da Silva traduzem uma convocação ao cinema documental, gênero que se funda e orbita em torno da produção de evidências do mundo visível e de suas injustiças, para um trabalho de recomposição crítica e poética.

Uma lição da cosmologia bakongo, traduzida e evocada com frequência por Makota Valdina, surge aqui como uma pista para esse trabalho e a exigência da produção de outras imaginações que o acompanha:

A tradição bakongo concebe a Terra, o planeta dos humanos, como um misterioso futu para a vida. Conforme Fu-Kiau, “futu dya nkisi dya kanga kalunga mu diambo dya moyo” – um pacote de essências curativas/remédios, codificado, amarrado, selado pela ação da fonte do completo poder/energia universal, o todo em tudo, com intenção de vida⁴.

Para se relacionar com o modo de interação com o mundo que é próprio do candomblé, particularmente do candomblé angola do qual Makota Valdina foi grande defensora e pesquisadora, ao cinema demandam-se atitudes que podem orientar novas experiências críticas e criativas: despir-se de pretensões referentes e autorreferentes, liberar-se dos sistemas de juízos e valores das políticas autorais e abrir-se para uma escuta. Nesse momento em que se buscam noções e práticas de cura nos mais diversos campos das artes e saberes, pode-se encontrar na cosmologia bakongo um programa para todo o cinema: entender-se enlaçado à Terra, na intenção de vida, para a vida.

1 PINTO, Valdina. “O terreiro e as imagens”. CESAR, Amaranta, MARQUES, Ana Rosa, PIMENTA, Fernanda, e COSTA, Leonardo (org.). *Desaguar em cinema: documentário, memória e ação com o CachoeiraDoc*. Edufba: Salvador, 2020.

2 Ibid.

3 FERREIRA DA SILVA, Denise. Trecho de uma fala na live do *Latitude Festival* em 06 de junho de 2020.

4 PINTO, Valdina. *Meu caminhar, meu viver*. Salvador: Sepromi, 2013, p. 154.



**CLIQUE AQUI E
ACESSE O SITE**

SESSÃO DE ABERTURA



ACERVO ZUMVI – O LEVANTE DA MEMÓRIA

Bahia, 2020, 36 min.

de Iris de Oliveira

O documentário trata da história do ZUMVI Arquivo Fotográfico, sua luta por preservação e a trajetória profissional do fotógrafo Lázaro Roberto, o “Lente Negra”, um dos pioneiros da fotografia documental na Bahia. O acervo contém mais de 30 mil fotogramas – um precioso e pouco conhecido conjunto de registros de importantes e definidores momentos da história da luta por justiça social da população negra na Bahia reunidos desde a década de 70. A iniciativa é viabilizada por meio do Edital Setorial de Audiovisual 2019, com apoio financeiro do Governo do Estado, através do Fundo de Cultura, Secretaria da Fazenda, Fundação Cultural do Estado da Bahia e Secretaria de Cultura da Bahia.

DISPONÍVEL ONLINE ENTRE 4 A 6/12 E 19 E 20/12



**CLIQUE AQUI E
ACESSE O SITE**

SESSÕES ESPECIAIS



KALUNGA – MEMÓRIAS DE UM MAR SEM FIM

Bahia, 2020, 15 min.

de Renata Semayangue

Retornar à pátria mãe, ao continente africano, mais precisamente à Angola, sempre foi o sonho de Makota Valdina. Viver a verdadeira Angola e refazer laços, redescobrir ritos, reconhecer-se em cada rosto. Este sonho foi realizado em 2018, quando Makota embarca em uma aventura pelas estradas angolanas de Luanda ao Namibe, acompanhando artistas brasileiros do grafite. Anie Ganzala, Ananda Santana e Eder Muniz participaram do projeto Murais da Leba, um intercâmbio de artistas do Brasil com grafiteiros angolanos. O filme é um registro afetivo desta viagem.

DISPONÍVEL ONLINE ENTRE 4 E 6/12 E 19 E 20/12/2020



ALELUIA, O CANTO INFINITO DO TINCOÃ

Bahia, 2020, 70 min.

de Tenille Bezerra

Filho de Cachoeira, o cantor e compositor Mateus Aleluia foi integrante do Tincoãs, trio referência da musicalidade afro-baiana, que desenvolveu sua carreira entre Brasil e Angola nas décadas de 70 e 80. De Luanda, onde o artista viveu por muitos anos, a Cachoeira, sua cidade natal, viajamos na música e no imaginário que atravessam a vida de Mateus Aleluia.

DISPONÍVEL ONLINE ENTRE 4 E 6/12 E 19 E 20/12/2020



PATTAKI

Bahia, 2019, 21 min.

de Everlane Moraes

As águas regem e nutrem a vida. À luz da lua cheia, a maré sobe, invade a cidade, inunda os seres que a habitam. Um filme-oferenda para Iemanjá.



RETRATO DA MESTRA MAKOTA VALDINA

Minas Gerais, 2019, 92 min.

de César Guimarães e Pedro Aspahan

Makota Valdina passeia pela estação ecológica da UFMG, inspeciona plantas sagradas e ministra uma aula ao ar livre (uma aula arejada em tantos sentidos). Neste documento da imensa contribuição de Makota Valdina para uma epistemologia ainda não totalmente revelada, podemos, ao sentir a sua voz mais uma vez, admirar a sua verve que resulta de uma pedagogia única, de uma ciência ainda por existir, amalgamada pelo interesse da pesquisadora com trânsitos e bibliografias diversas com a profunda vivência dos fundamentos de uma milenar experiência de saber/poder, o candomblé de nação angola, para o qual não há dicotomias entre cultura/natureza; ciência, política e espiritualidade.

DISPONÍVEL ONLINE ENTRE 4 E 20/12/2020

DEBATE DAS
SESSÕES DE
ABERTURA E
ESPECIAIS EM
HOMENAGEM À
MAKOTA VALDINA

DIA 06/12, 19h.
MEDIAÇÃO: AMARANTA CESAR



**CLIQUE AQUI E
ACESSE O SITE**

FUTURO, COMO PRESENTE, NO PASSADO

**MOSTRA DE DOCUMENTÁRIOS
BRASILEIROS**

CURADORIA

EVELYN SACRAMENTO

Mestre pelo Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia (UFBA), possui graduação em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). No cinema, realizou trabalhos como diretora de arte e figurino. Atuou como curadora da mostra Cine Tela Preta (BA), idealizada pelo coletivo Tela Preta, grupo do qual faz parte desde 2013. É co-fundadora do projeto *Lendo Mulheres Negras*, que evidencia a produção literária de autoras negras.

FABIO RODRIGUES

É mestrando no Programa de Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduou-se também em Comunicação na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), onde foi participante e coordenador do Cineclube Mário Gusmão. Atua em curadoria e programação em cinema, integrando as comissões de seleção de festivais, mostras de filmes e laboratórios. No CachoeiraDoc, foi júri-jovem em 2017, e, atualmente, assina, além da curadoria, o prefácio do livro *Desaguar em Cinema: documentário, memória e ação com o CachoeiraDoc*.

KÊNIA FREITAS

Professora, crítica e curadora de cinema, é pesquisadora de Afrofuturismo e Cinema Negro. Pós-doutoranda em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Já atuou como curadora em mostras, a exemplo de Afrofuturismo: cinema e música em uma diáspora intergaláctica (Caixa Belas Artes/SP), A Magia da Mulher Negra (Sesc Belenzinho/SP, 2017) e Diretoras Negras no Cinema Brasileiro (Caixa Cultural Brasília e RJ, 2017, Sesc Minas, 2018). Sua produção crítica pode ser encontrada no site Multiplot!. É integrante do Elviras – Coletivo de Mulheres Críticas de Cinema.



PATRÍCIA MOURÃO

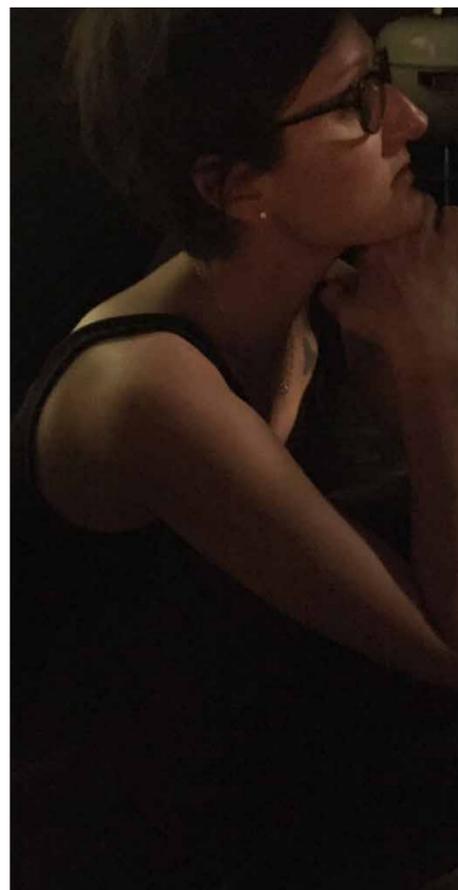
Pós-doutoranda no departamento de Artes Visuais da Universidade de São Paulo (USP). Tem doutorado em cinema pela mesma instituição. Tem programado sessões de filmes de artistas na Semana dos Realizadores, no Rio de Janeiro. Já programou mostras de cinema, como Docs Kingdom – Seminário Internacional sobre Cinema Documental, em Arcos do Valdevez (Portugal), e *Harun Farocki: por uma politização do olhar* (Cinemateca Brasileira, 2010). Organizou e co-organizou publicações sobre cinema, também atua como professora.

RAMAYANA LIRA

Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem e do curso de Cinema e Audiovisual na Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). No Programa Fulbright Scholar-in-Residence, nos Estados Unidos, ministrou um curso sobre Cultura Afro-Brasileira e organizou a mostra Afro-Brazilian Film Series, no Dickinson College. É vice-presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE). Foi do júri oficial da Mostra de Cinema de Tiradentes, curadora do Festival Audiovisual Mercosul, da Mostra Gênero (Coletivo Murro, Criciúma-SC), é membro do elaSCine (coletivo de mulheres do audiovisual de Santa Catarina) e ativista do 8M-SC.

RAYANNE LAYSSA

Graduanda em cinema da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), iniciou os estudos na área na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atuou na monitoria do Festival Sergipe de Audiovisual (Sercine) e na assistência de curadoria do Festival Internacional de Cinema de Realizadoras (FINCAR), em Recife. Também colaborou no Festival Palco Preto de Artes Integradas (PE) e na curadoria da segunda edição da Mostra Itinerante Cinemas Negros – Mohamed Bamba (BA). Participou do Encontro Zózimo Bulbul, no Rio de Janeiro.



ASSISTENTES DE CURADORIA

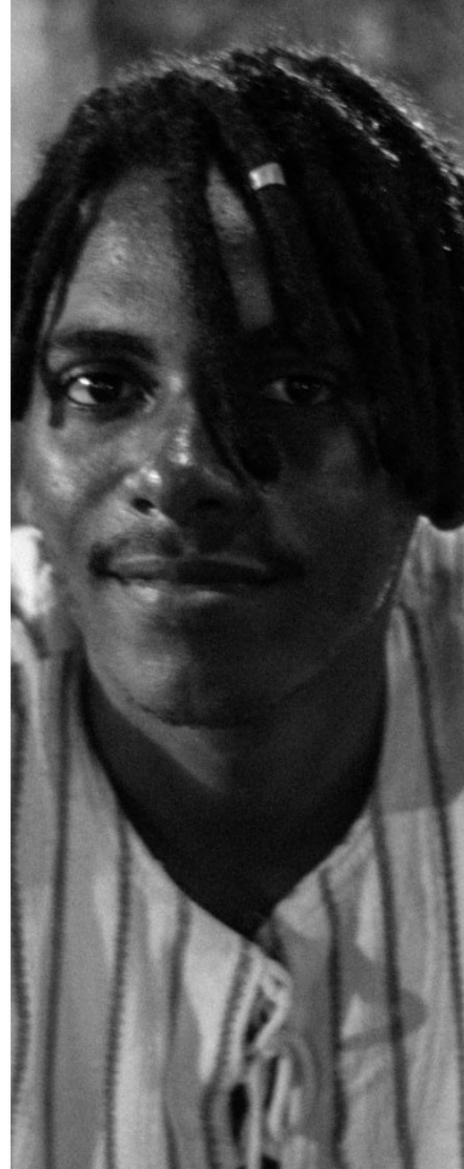
ÁLEX ANTÔNIO

Graduando em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), sócio fundador da Travessia Filmes e membro do Cineclubes Mário Gusmão, onde vem se dedicando à pesquisa em torno do cinema negro, um dos curadores das mostra Permanente de Resistências e Performance Negra. Desenvolve uma pesquisa sobre afeto no cinema negro contemporâneo que resultou na mostra “Afeto Formador”. Já ministrou oficinas de produção audiovisual em escolas públicas de Cachoeira e Cabaceiras do Paraguaçu. No CachoeiraDoc, foi Júri Jovem em 2017 e em 2020, fez a curadoria do Cinema em Vizinhança.



OTÁVIO CONCEIÇÃO

Graduando em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Participou como assistente de direção, direção e direção de som em algumas produções de curtas metragens. Possui experiência cineclubista, sendo membro ativo do cineclubes Mário Gusmão há 2 anos, participando de realização de oficinas, mostras e sessões, tanto em produção quanto captação de som, e também auxiliando no processo curatorial de algumas mostras. É também membro do grupo de pesquisas e experimentações sonoras Sonatório. No CachoeiraDoc, em 2020, fez a curadoria do Cinema em Vizinhança e ministrou a oficina ZapDoc, em parceria com Stephanie Sobral.



PROGRAMA 1

“NÓS NUNCA
NASCEMOS,
NÓS NUNCA
MORREMOS. NÓS
TRANSICIONAMOS”*

POR EVELYN SACRAMENTO, KÊNIA FREITAS
E RAMAYANA LIRA

Os filmes aqui elencados tensionam, de forma interligada, passado e futuro, o visível e o invisível, presenças e ausências. São obras que ressaltam relações íntimas e familiares sem, contudo, apostar na teleologia da linhagem natural; pelo contrário, figuram desalinhamentos e realinhamentos, seja através de cortes abruptos nas relações, de maneira que o tecido do filme se torna ao mesmo tempo invocação de uma ausência e a presentificação de uma falta, seja através da criação de novos fios de relação, que inventam caminhos de aproximação entre geografias e histórias distantes e refundam laços de parentesco e de pertença cultural.

*Tradução livre de um verso do Poema “The Baptism”, de Carl Hancock Rux, 2020.

SESSÃO 1

“O DESTINO DA SEMENTE DA TERRA É CRIAR RAÍZES ENTRE AS ESTRELAS”*

Assim, ao enredarmos *(Outros) Fundamentos* (Aline Motta), *Irun Orí* (Juh Almeida) e *O Mundo Preto Tem Mais Vida* (Sabrina Duran), procuramos ativar os encontros da memória e da história atualizados no presente que resiste em ceder ao trauma, à autoridade sobre a vida. Fica escuro, também, nessa fricção entre as obras, que as histórias estão enraizadas em geografias móveis, apoiando-se na potência do corte cinematográfico para justapor espaços que remontam um mosaico de existências e resistências negras. *(Outros) Fundamentos* e *Irun Orí* materializam essas passagens transatlânticas, realizando uma dobra no espaço que liga indissociavelmente as histórias e os presentes do Brasil e África. Em *O Mundo Preto Tem Mais Vida* a travessia é também entre vida e morte, morte preta e morte branca. Abrindo-se enfim como um filme-portal Guiné-Bissau/Cabo Verde-Brasil, vida na morte versus morte em vida.

* “Parábola do Semeador”, de Octavia Butler, 2018 [1993]



(OUTROS) FUNDAMENTOS

São Paulo, 2019, 15 min.

de Aline Motta

Outros Fundamentos cria pontes que conectam as cidades de Lagos, Cachoeira e Rio de Janeiro, num percurso íntimo em busca de raízes e conexões ancestrais entre Nigéria e Brasil.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 05 E 11/12 E 19 E 20/12



IRUN ORÍ

Bahia, 2020, 8 min.

de Juh Almeida

Na língua iorubá Irun significa cabelo e Ori, cabeça. É nesse fio crespo que se trançam as histórias de tantas mulheres entre Moçambique e Bahia, entre África e sua diáspora.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 05 E 11/12 E 19 E 20/12



O MUNDO PRETO TEM MAIS VIDA

Maranhão, 2018, 37 min.

de Sabrina Duran

A construção e ampliação da Estrada de Ferro Carajás, da BR 135, atravessa violentamente a comunidade quilombola de Santa Rosa dos Pretos Itapecuru-Mirim, no Maranhão. O Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes (DNIT) e a empresa Vale S.A. cometem severas violações contra os quilombolas. Mas a vida preta de Santa Rosa ainda resiste, à revelia do buraco branco que tudo devora sem se dar por satisfeito.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 05 E 11/12 E 19 E 20/12

SESSÃO 2

“QUANDO O INVISÍVEL SE TORNA VISÍVEL O OLHO DEMORA A ACOSTUMAR”*

Sair do Armário (Marina Pontes), *Sob a sombra da palmeira* (Tomyo Costa Ito), *Notícias de São Paulo* (Priscila Nascimento) e *Michele de Michele Mesma: Narrativas de uma Mulher Sertaneja* (Michele Menezes) fazem do jogo entre imagem e voz uma conjuração de ausências, traduzidas pelos diálogos, depoimentos e narrações como o invisível da imagem. *Sair do Armário* tem um projeto radicalmente fincado no invisível ao nos negar a imagem de uma diálogo entre mãe e filha, restando-nos as legendas que reiteram a força dramática do momento de saída de armário da jovem. *Sob a sombra da palmeira* e *Notícias de São Paulo* nos levam ao limiar das desapareições, permanências e reinvenções no poema e nas imagens. Ficamos assim com os muito ângulos de uma palmeira (e a sua sombra) que não cessam de crescer e multiplicar, enquanto tudo ao redor se vai: floresta, mangueiras, plantação de lótus, pai... Figura paterna que também assombra com as suas notícias de São Paulo, junto com as fotos de família que “tinham mas acabaram”, ao passo que o filme se investe em criar novos registros, retratos matriarcais de cotidiano e vida. Inventário de imagens familiares que Michele percorre e se despede: a chuva que fala, “a boniteza de dizer pedra de outro jeito”, a casa que vira arquibancada com a televisão. Por suas imagens-palavras o filme nos conduz à um “até logo”, com medo e liberdade para se tornar de si mesma.

* “NOIRBLUE – deslocamentos de uma dança”, de Ana Pi, 2017.



SAIR DO ARMÁRIO

Bahia, 2018, 3 min.

de Marina Pontes

“Eu penso todo o tempo que se tivesse nascido muda, ou se tivesse mantido um juramento de silêncio toda minha vida, teria sofrido igual, e igualmente morreria”. Lembrando dessas palavras de Audre Lorde, a diretora Marina Pontes coloca o espectador como ouvinte da primeira conversa sobre sua lesbianidade com sua mãe. O silêncio não é uma opção.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 05 E 11/12 E 19 E 20/12.



SOB A SOMBRA DA PALMEIRA

Minas Gerais, 2020, 17 min.

de Tomyo Costa Ito

Chheangly Yeng, um jovem poeta cambojano, regressa à sua vila natal para visitar um pedaço de terra em que seu pai cultivava arroz. O passado retorna enquanto ele olha para a palmeira que cresceu na antiga plantação. A ausência paterna, a terra seca, a história de uma família de agricultores.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 05 E 11/12 E 19 E 20/12.



NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

Pernambuco, 2019, 11 min.

de Priscila Nascimento

Uma família revisita o passado, na conversa com os mais velhos. Presenças e ausências conduzem uma imersão pelas memórias, em busca das origens e em direção ao futuro.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 05 E 11/12 E 19 E 20/12.



MICHELE DE MICHELE MESMA: NARRATIVAS DE UMA MULHER SERTANEJA

Bahia, 2019, 12 min.

de Michele Menezes

Narrada em primeira pessoa, a história de uma estudante universitária natural do município de Ribeira do Amparo, no semiárido baiano, revela um processo de formação e emancipação subjetiva, entre o protagonismo juvenil no seu município de origem e o Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 05 E 11/12 E 19 E 20/12.

SESSÃO 3

“NUNAQTIGIIT (PESSOAS RELACIONADAS PELA POSSE COMUM DO TERRITÓRIO)”*

Adentramos a essa constelação de filmes pelo Paraguaçu como fundamento e desaguardamos em territórios partilhados no amor. *Mães do Derick* (Dê Kelm) e *Filme de Domingo* (Lincoln Péricles) partilham de uma preocupação em mostrar o mundo não apenas através da perspectiva de suas personagens adultas e sua relação conflituosa com o mundo, mas também sob o ponto de vista de duas crianças cujas presenças costumam a trama e amalgamam laços comunitários. Em *Mães do Derick*, a construção de uma família lésbica poliamorosa aponta de maneira quase utópica para um mundo de mulheres, entre mulheres. Em *Filme de Domingo*, a quebrada é transbordamento de vida, saudade, corres, notícias tristes, cosquinhas na rede, pastel na feira, fim de tarde juntinhos, espiritualidades ancestrais. Sem distinções.

* Tradução do título do poema de Joan Naviyuk Kane, 2013.



FILME DE DOMINGO

São Paulo, 2020, 28 min.

de Lincoln Péricles

É do Capão Redondo, periferia de São Paulo, que emerge a história do “Filme de Domingo”. O retrato da vida que se impõe, junto à delicadeza e energia da criança.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 05 E 11/12 E 19 E 20/12.



MÃES DO DERICK

Paraná, 2020, 77 min.

de Dê Kelm

Thammy, Bruna, Chiva e Ana são mães do pequeno Derick. Essa família, com afeto, companheirismo e cuidado mútuo, na partilha da vida e do amor pelo filho, confrontam o patriarcado e a heteronorma, enquanto experimentam novas formas de viver e estar no mundo.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 05 E 11/12 E 19 E 20/12.

PROGRAMA 2

NEM TODO TRAJETO É RETO

POR FABIO RODRIGUES, PATRÍCIA MOURÃO
E RAYANNE LAYSSA

“Para fazer um novo mundo, você começa com um antigo, certamente. Para achar um mundo, talvez você precise ter perdido um. Talvez você precise estar perdida. A dança da renovação, a dança que criou o mundo, sempre foi dançada nas bordas das coisas, no limite, na costa enevoadada”

(Ursula Le Guin, em World making)

Compõem esse programa filmes que habitam e semeiam espaços intersticiais, com cenas de encontros emancipatórios e que se mobilizam com movimentos de luta. São filmes que, à sua maneira, constroem relações e intervenções no presente, ora caminhando nas esquinas do mundo, “dançando nas bordas das coisas”, ora engajando-se frontalmente na “refundação do possível”, como diz Jota Mombaça (2018)*. Atentando-se aos múltiplos trajetos da luta e das existências, tomamos emprestada um trecho da canção “Cobra Rasteira”, de Kiko Dinucci, para nomear esse programa: “Nem todo trajeto é reto, nem o mar é regular....”

* Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p1krp7_bA20

SESSÃO 4

“O NEGRUME DA NOITE RELUZIU O DIA”

Inspiradas pela famosa canção do bloco afro Ilê Aiyê, “Negrume da Noite”, iniciamos com a sessão do longa-metragem *Negro em Mim* (2020), filme múltiplo que reúne um elenco vigoroso de artistas e pensadoras/es negras, construindo nessa confluência de vozes um retrato coletivo de um movimento em curso. Este filme cumpre um papel decisivo em documentar o pensamento, saberes estéticos-corpóreos*, as imagens e vozes de sujeitos negros historicamente invisibilizados. Confrontando a grande narrativa de um país “racialmente democrático”, eles afirmam seus lugares no mundo através da arte; com suas presenças e seus desejos, esboçam outros futuros porvir. Como no paradigmático *Abolição* (Zózimo Bulbul, 1988), vemos em *Negro em Mim* um necessário documento da luta, das poéticas e do levante negro no Brasil.

* GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.



NEGRO EM MIM

São Paulo, 2020, 112 min.

de Macca Ramos

Um conjunto vigoroso de artistas negras/os e brasileiras/os contemporâneas/os compõe um retrato coletivo do fundamental movimento artístico-político em curso hoje, no Brasil. Conectando sujeitas/os dessa história em andamento, o filme constitui um documento do estado da arte em profunda transformação no país, desafiando o próprio sentido daquilo que chamamos Brasil.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 05 E 11/12 E 19 E 20/12.

SESSÃO 5

INVENTAR A LIBERDADE

Como escreve Judith Butler em referência a Trinh Minh-ha, é possível “enquadrar o enquadramento” ou ainda “enquadrar o enquadrador”. Ambas as expressões parecem justas aos dois filmes desta sessão. *Cadê Edson?* (2019), ao desviar imagens feitas pela polícia e utilizá-las como contraprova, expõe a mise-en-scène do poder e assume a guerra das imagens como decisiva para a luta do movimento popular por moradia em curso. Como um aliado ativo da luta, este filme constrói uma arquitetura sensível para a militância, tanto quando remonta arquivos ou quando reúne pessoas, provas e histórias dispersadas pela truculência do estado. Em *É sim de verdade* (2018), mulheres em situação de cárcere inventam coletivamente uma narrativa de amor e liberdade. O filme é resultado de ações do projeto de pesquisa e extensão da UFRB, o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Lesbianidade, junto a um grupo de mulheres do Complexo Prisional de Feira de Santana.



É SIM DE VERDADE

Bahia, 2018, 22 min.

direção coletiva de mulheres em privação de liberdade junto ao Complexo Prisional de Feira de Santana

As vivências do cárcere de um grupo de mulheres presas no Complexo Prisional de Feira de Santana, fabuladas e reencenadas por elas mesmas: os preconceitos, privações e resistências de amar outras mulheres em um espaço de desumanização como o presídio. O filme nasceu de uma oficina que integrou o projeto de extensão “Direitos sexuais de mulheres negras lésbicas em situação de encarceramento”, coordenado pelo LES- Laboratório de Estudos e Pesquisas em Lesbianidade.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 05 E 11/12 E 19 E 20/12.



CADÊ EDSON?

Distrito Federal, 2019, 73 min.

de Dácia Ibiapina da Silva

Enfrentando uma polícia que age e se exhibe pelo seu duplo enquadramento, imagético e social, *Cadê Edson?* expõe a mise-en-scène do poder, desvia as próprias imagens da polícia, operando-as como contraprova, e assume a guerra das imagens como decisiva para a luta por moradia em curso, para a esfera pública e, não menos importante, para o próprio cinema. Como um aliado ativo, este filme constrói uma arquitetura sensível da luta, seja quando remonta arquivos, seja quando reúne pessoas, provas e histórias dispersadas pela truculência do estado.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 05 E 11/12 E 19 E 20/12.

SESSÃO 6

ENTRE O TEMPO E NÓS

Para aqueles para quem parar é um risco, a vida precisa ser correria. “Entre o Tempo e Nós” reúne filmes que se encontram no respirar do descanso, na calma de uma criança preta dormindo como em uma das cenas de *Entre Nós e o Mundo*, ou na tomada de força pela parceria, pelo canto e pelo abraço que fazem a luta seguir. O respirar aparece no encontro para o cultivo do cuidado, como em *Minha História é Outra* onde duas amigas retocam a cor dos cabelos. Neste curta, celebram-se as existências e histórias plurais. Por fim, em *Arco do Tempo*, o corpo atravessa o tempo para contrariar um desaparecimento programado. Se no começo do curta um abismo ameaça sugar o sujeito, as conversas íntimas confluem na defesa da liberdade, que se insinua, finalmente, num retrato da família respirando feliz no quintal. “Eu não estou sozinho. Você não está sozinha”.



ENTRE NÓS E O MUNDO

São Paulo, 2019, 17 min.

de Fabio Rodrigo

Erika, moradora da Vila Ede, em São Paulo, teve seu filho de 16 anos assassinado em uma abordagem policial e está preocupada com o outro, de 17. Erika está grávida.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 05 E 11/12 E 19 E 20/12.



MINHA HISTÓRIA É OUTRA

Rio de Janeiro, 2019, 22 min.

de Mariana Campos

O amor entre mulheres negras é mais do que uma história de amor? Niázia, moradora do Morro da Otto, em Niterói, abre a sua casa para compartilhar as camadas mais importantes na busca por essa resposta. Leilane, estudante de direito, enfrenta os desafios e possibilidades de construir uma jornada de afeto com Camila.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 05 E 11/12 E 19 E 20/12.



ARCO DO TEMPO

Bahia, 2019, 17 min.

de Juan Rodrigues

Corpos negros atravessam o tempo.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 05 E 11/12 E 19 E 20/12.

SESSÃO 7

DANÇO PORQUE PRECISO

Esta sessão surge a partir de filmes que dançam com suas imagens, documentando corpos que atualizam a resistência em cada passo, em cada canto. Numa bela coreografia das transformações e sobrevivências, *Ainda te amo demais* resgata a cena de reggae em Maceió (AL), atentando-se às mudanças no ritmo, às saudades latentes, às dores de um tempo eternizadas em canções e aos reencontros que reativam a força reggaeira. Em *Essa Festa é Minha Vida*, ao longo de uma madrugada, observamos Piteco arrumar-se para a tão esperada Festa da Nossa Senhora D’Ajuda, em Cachoeira (BA). Piteco, junto às suas amigas, prepara-se para a festa como uma estrela a aguardar o ano inteiro pela sua glória. *Aurora* nos faz mergulhar no lento movimento das danças da vida de três diferentes mulheres. No palco, no teatro da vida, se separam; no cinema, se reaproximam. Três mulheres, três janelas. No jogo de olhares, no aflorar do tempo, *Aurora* atualiza e reescreve com os corpos a conhecida frase de Emma Goldman: “Se eu não puder dançar, não é a minha revolução”.



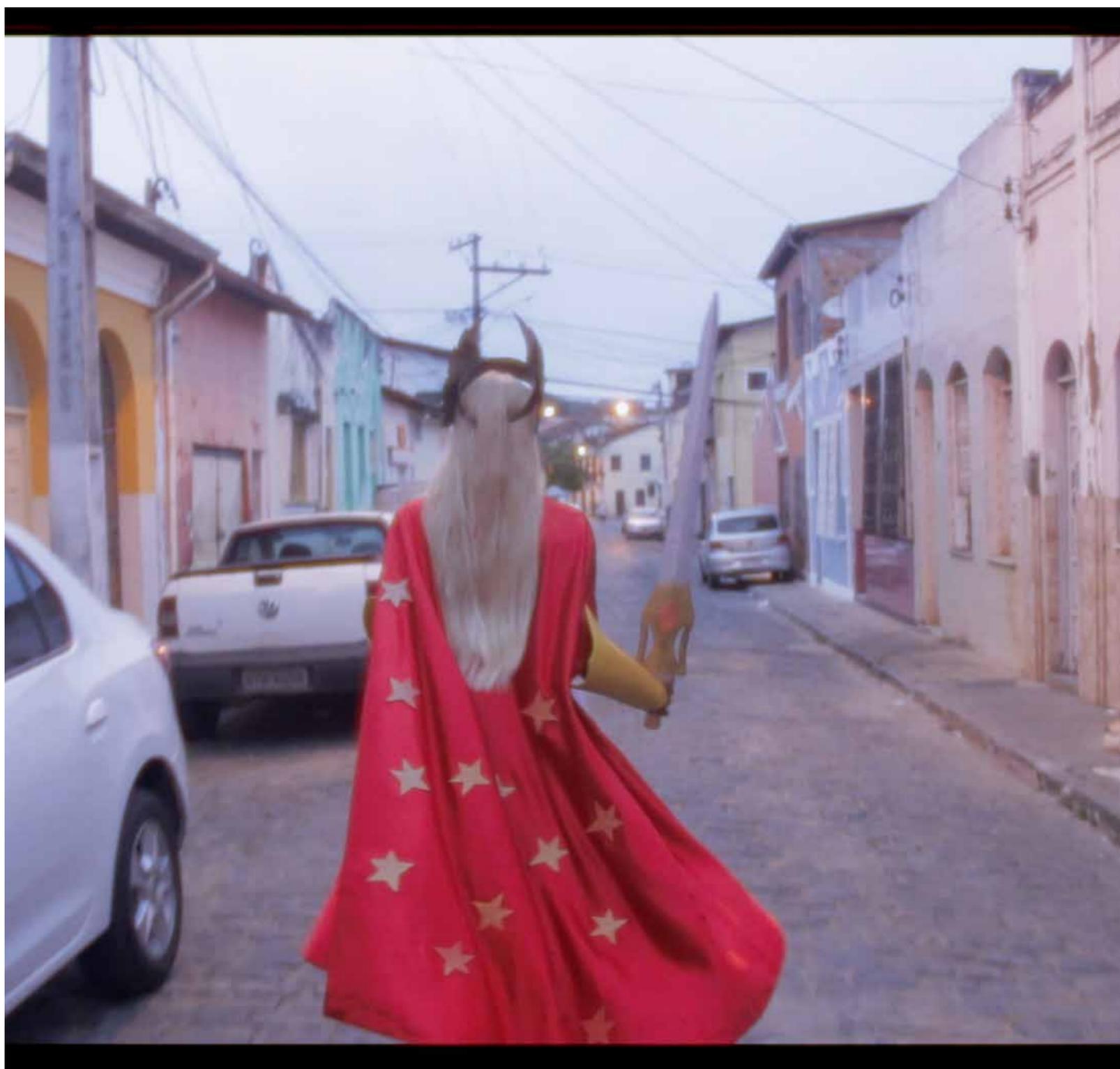
AINDA TE AMO DEMAIS

Alagoas, 2020, 21 min.

de Flávia Correia

Tendo por título a famosa canção de Luana do Reggae, este filme apresenta a cena reggaeira de Maceió (AL), pensando a respeito das sobrevivências, das transformações, do repertório de gestos e referências que, insuspeitas, germinam latente no coração dos amantes desse ritmo musical de resistência. O curta-metragem de Flávia Correia se aproxima das personagens, entrevistando e acompanhando seus cotidianos, retoma imagens de arquivos e articula um reencontro histórico com as memórias vivas do reggae alagoano.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 05 E 11/12 E 19 E 20/12.



ESSA FESTA É A MINHA VIDA

Bahia/Alagoas, 2020, 18 min.

de Ulisses Arthur

Acompanhando uma madrugada junto à Piteco, personalidade do Recôncavo da Bahia, este filme registra por um outro ângulo a famosa e esperada Festa da Nossa Senhora D’Ajuda, em Cachoeira. A intimidade da conversa, o esmero da maquiagem, os ajustes no figurino... tudo faz desse filme um retrato precioso e delicado de uma estrela. Uma fala de Piteco inspira o título do curta, “essa festa é minha vida”, frase que revela a dimensão ética daquele que se guarda o ano inteiro para entregar-se e abrilhantar os embalos D’Ajuda.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 05 E 11/12 E 19 E 20/12.



AURORA

Bahia, 2018, 15 min.

de Everlane Moraes

No palco de um teatro destruído, Elizabeth, Mercedes e Crisalida, três mulheres negras de idades diferentes, revivem e reinterpretam suas histórias, conflitos e perdas, recorrendo a monólogos, boleros e memórias de dança.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 05 E 11/12 E 19 E 20/12.

PROGRAMA 3

E, DE REPENTE, O TEMPO VOLTOU A SE MOVER

**POR FABIO RODRIGUES, PATRÍCIA MOURÃO
E RAYANNE LAYSSA**

Neste conjunto, estão reunidos filmes que descongelam o tempo ao trazer à tona uma memória esquecida, apagada ou silenciada nas fotografias e arquivos. Aqui, a memória latente reacende a brasa no coração do arquivo. Poderíamos resumir assim, tal como na citação de Guimarães Rosa, pixada em letras garrafais no muro de uma loteria, em Cachoeira (BA): “fui fogo depois de ser cinza”. Em grande parte das obras desta constelação, o gesto é de retornar para avançar, resgatar-se entre ou para além das imagens e documentos.

SESSÃO 8

EM CAMPO

Em comentário sobre Garrincha, Nei da Conceição, protagonista do *NC5 contra a lei do impedimento*, diz: “a bola chegava nele e o tempo era suspenso. O Garrincha criava espaço onde ele não existia antes. (...) O Mané era o Exú”. No filme, entre divagações, derivas, lampejos e lucidez cortantes, o ex-jogador Nei Conceição reaviva uma história de resistência e ginga do futebol e do país, recriando a realidade pela memória e reinventando a vida pela dança. Desloca-se, assim, a centralidade da bola para a dança no seu entorno, transcendendo também as quatro linhas do campo de jogo e do visível. Em *Um de vermelho e um de amarelo*, segundo filme do programa, é do extra-campo que dois jovens aprendendo a filmar criam imagens e também recriam a realidade jogando com ela. Narrando, a expandem; aproximando-se com zoom, reencontram e recontam a paisagem.



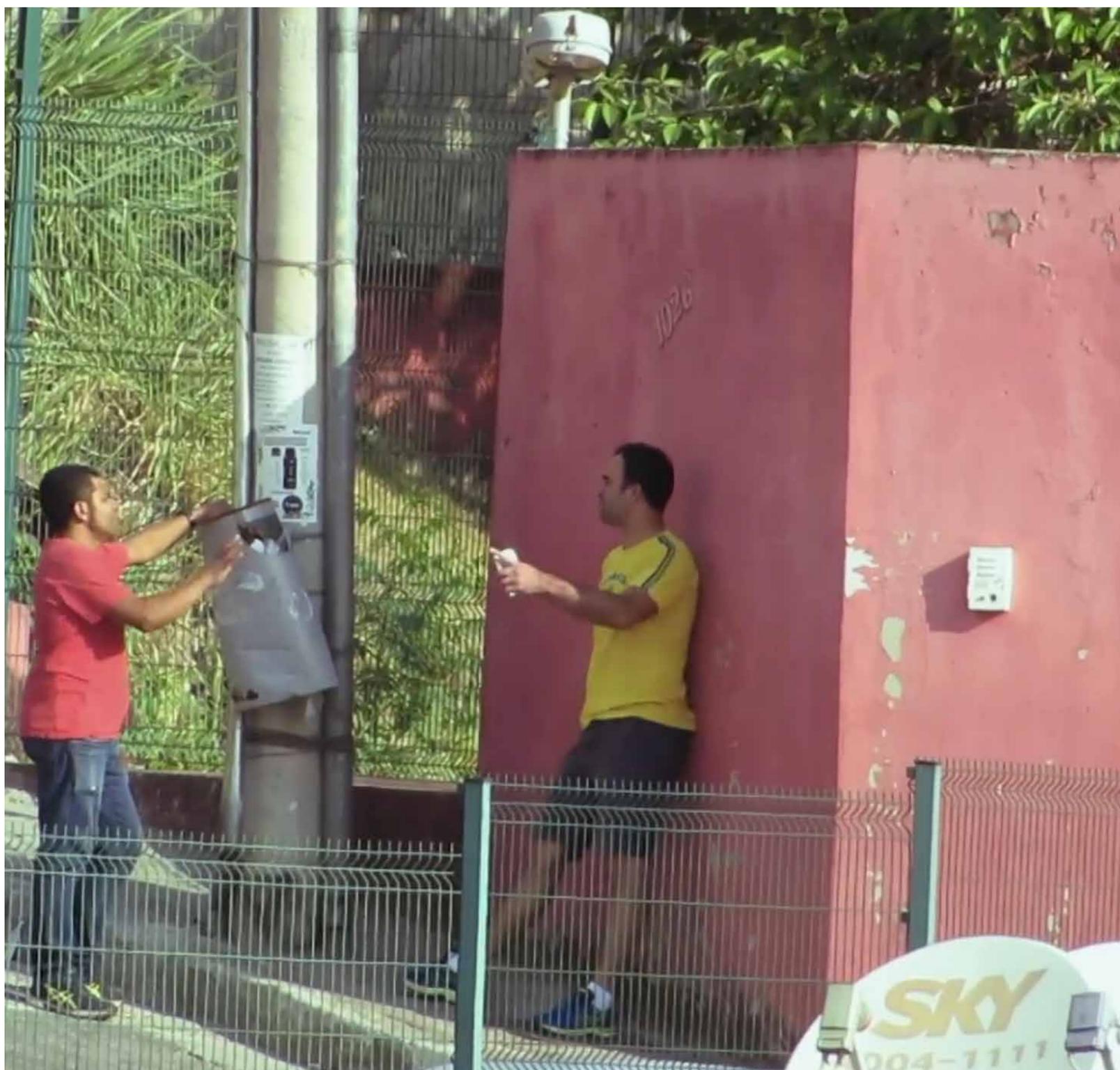
NC5 CONTRA A LEI DO IMPEDIMENTO

Rio de Janeiro, 2019, 24 min.

de Lucio Branco

O craque e ex-jogador de futebol do Botafogo, Nei Conceição, dispara aforismos recheados de trocadilhos, lampejos e lucidez cortantes. Seu gênio, ao que parece, transcende as quatro linhas do campo.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 12 E 20/12.



UM DE VERMELHO E UM DE AMARELO

Minas Gerais, 2020, 14 min.

de Frad, GM, Lipe

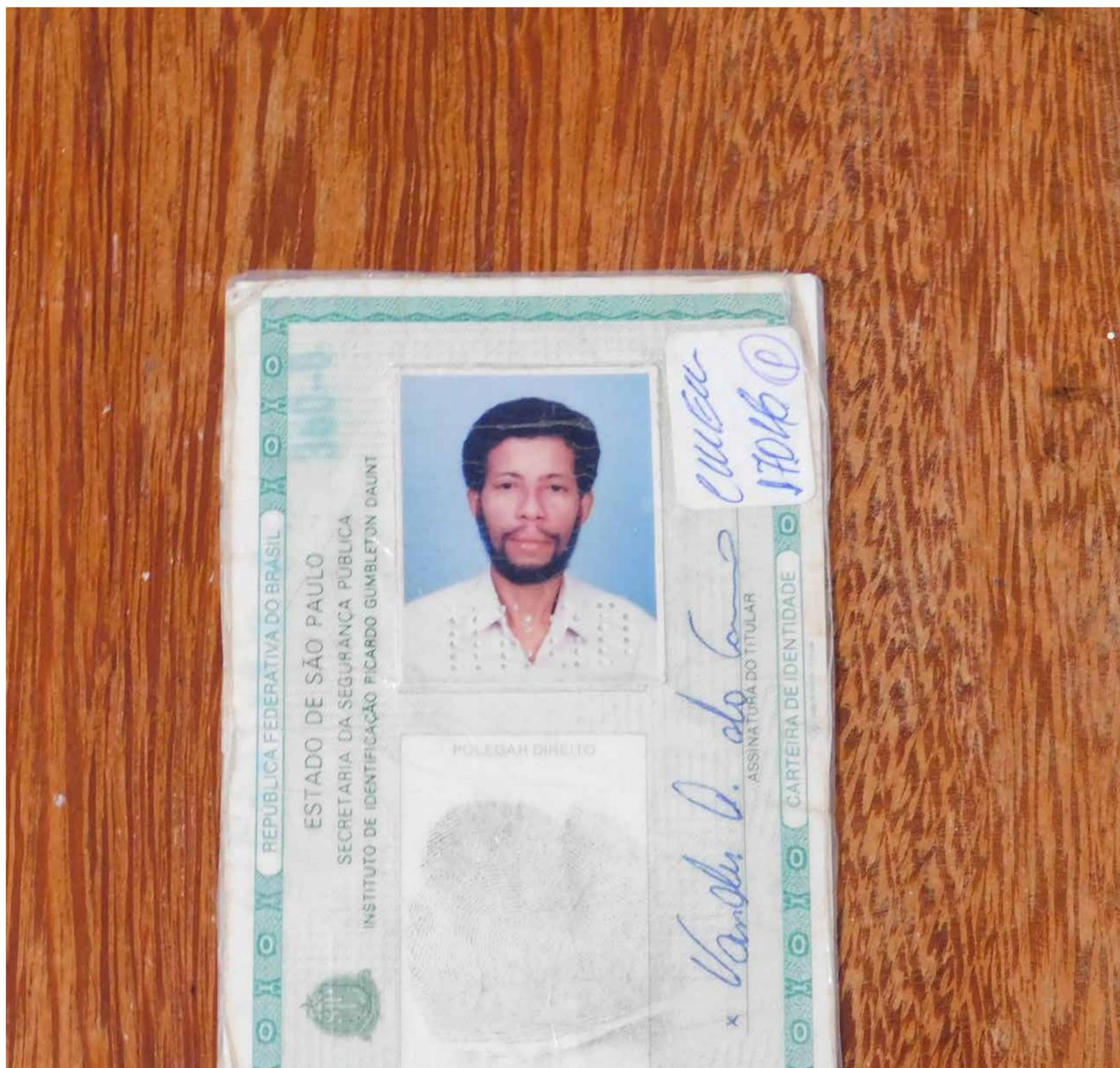
Terça-feira à tarde, no alto do Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte. Uma brincadeira com o cinema, com personagens da cidade observados à distância, e com o extracampo da filmagem. Um zoom passeia pelos bairros ricos e depois se volta para uma das maiores favelas do Brasil, onde vivem mais de 50 mil pessoas.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 12 E 20/12.

SESSÃO 9

A IMAGEM QUE ME TRAZ

Nos filmes *Vander*, *Cinema Contemporâneo* e *Formatura*, através de um arquivo mínimo confronta-se uma História de violência. Em *Vander*, o testemunho da filha desmonta a fotografia 3×4 do pai, tornando visível aquilo que, por assim dizer, o documento oficial não documenta. No caso de *Cinema Contemporâneo*, uma mesma fotografia é insistentemente reenquadrada, revelando a forte dimensão de violência inscrita em cada sorriso registrado. Discutindo dilemas do cinema em primeira pessoa, é justamente o filme, enquanto terceira margem, que torna possível a emergência do grito silenciado. Em *Formatura*, a história do filho, em contracampo com a da mãe, expõe a espessa dimensão política que separa duas formaturas. A imagem de arquivo da família, um “ponto de encontro com o que aconteceu brevemente”, é remontada de modo a expor no coração da imagem a ambiguidade entre o que se guarda e o que se esquece. Por fim, *Quando era primavera* e *Entre o céu e o subsolo* também lançam mão de imagens de arquivo ora para engajar-se na luta em defesa da educação, ora para refletir sobre a própria luta, retomando registros de atos e voltando à escola para projetar as memórias e reescrever a história.



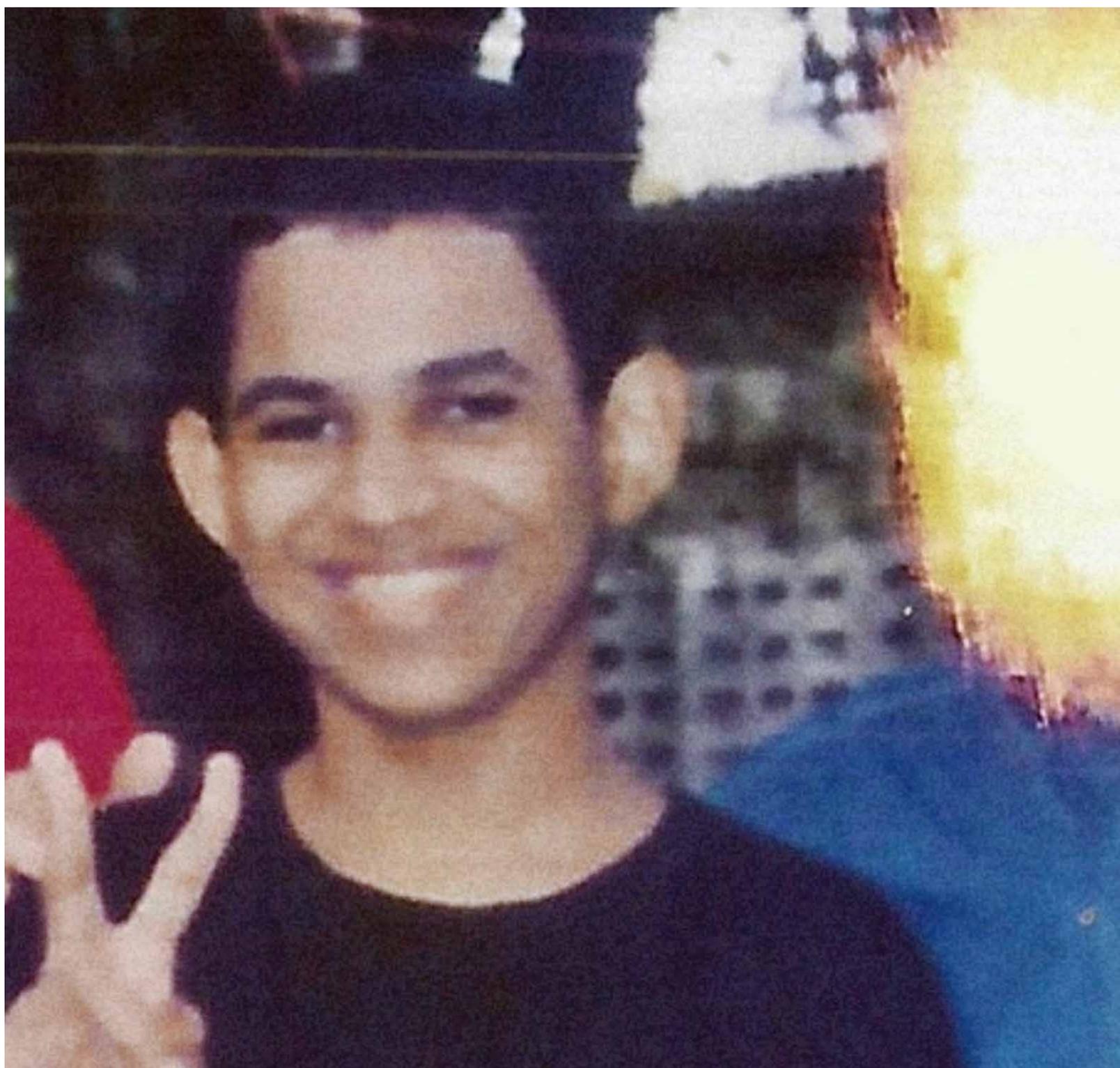
VANDER

Bahia, 2019, 2 min.

de Barbara Carmo

Uma filha tenta encontrar a conexão perdida com seu pai através da única foto que possui.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 12 E 20/12.



CINEMA CONTEMPORÂNEO

Pernambuco, 2019, 5 min.

de Felipe André Silva

A história de uma fotografia, de uma violência, de um estupro. Anos depois, o filme põe em questão o cinema em primeira pessoa e as histórias que a imagem não conta.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 12 E 20/12.



FORMATURA

São Paulo, 2020, 8 min.

de Caio Franco

Minha mãe se formou.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 12 E 20/12.



QUANDO ERA PRIMAVERA

Goiás, 2019, 13 min.

de Lara Damiane

No final de 2015, eclodiram as ocupações das escolas estaduais em Goiás contra a implantação das Organizações Sociais. A primavera estudantil marcou um novo período da resistência e de radicalização das estratégias de luta dos estudantes.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 12 E 20/12.



ENTRE O CÉU E O SUBSOLO

Bahia, 2019, 43 min.

de Felipe da Silva Borges

O bairro mais nobre de Salvador abriga uma escola pública estadual. Durante 25 anos, o colégio, cercado por grandes prédios e mansões, atendeu a população jovem negra, pobre, oriunda de diversos bairros da cidade, que viaja longas distâncias para estudar. A vizinhança rica não quer a escola ali e pressiona pelo seu fechamento. Professoras e professores organizam a luta para a permanência da escola no bairro, enquanto se perguntam: o que a tentativa de acabar com aquele colégio no metro quadrado mais caro da cidade tem a dizer sobre o Brasil?

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 12 E 20/12.

SESSÃO 10

NÃO EXISTE O EU FORA DO NÓS

O título deste programa é uma citação à canção de Caio Prado presente no curta *Não fique triste menino*. Neste filme, compõem-se fotografias pessoais, registros da enorme ressaca marítima que atingiu Fortaleza (CE) em 2018 e pinturas dos irmãos João e Arthur Timótheo. A costura singular com essa diversidade de arquivos produz um jogo de temporalidades, uma travessia atenta a um passado que não passou e a um baú de memória encharcado de sargaço e lágrimas, tal como sugerido na pintura de Arthur Timótheo*. Avizinhamos este curta ao longa-metragem *O Bem Virá*, filme que parte de uma única fotografia de 1983, onde se vê treze mulheres trabalhando numa frente de combate à seca, para ir ao encontro dessas personagens. Forte, o testemunho dessas mulheres expõe um passado de latente resistência feminina, histórica negligência do estado e violências acumuladas impostas às famílias nordestinas. A um só tempo vemos um contundente documento da barbárie e um incontestável documento da luta por justiça social.



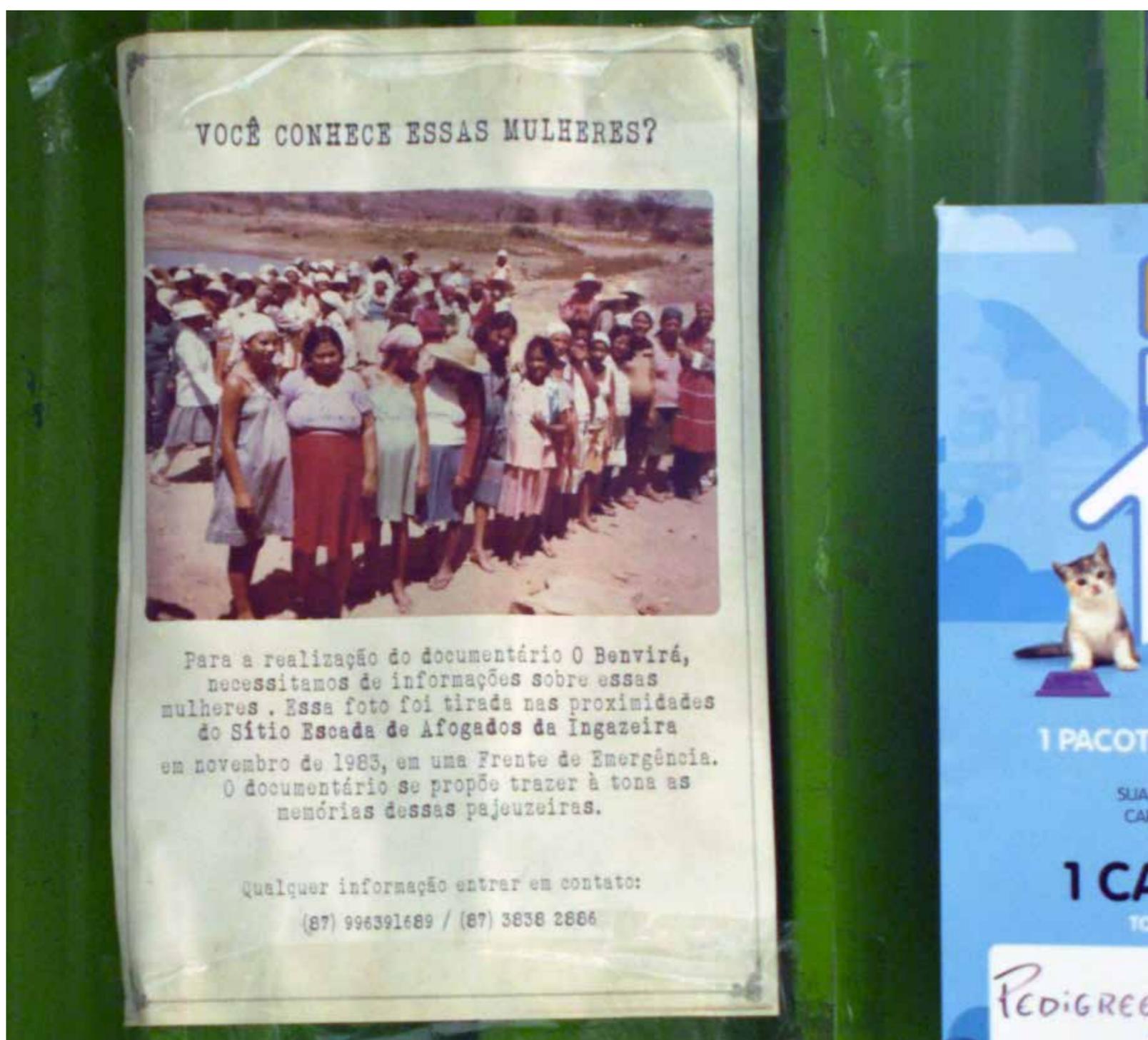
NÃO FIQUE TRISTE, MENINO

Ceará, 2018, 8 min.

de Clébson Francisco

Memórias pessoais são convocadas para pensar identidade negra, masculinidade e ressignificação da própria memória.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 12 E 20/12.



O BEM VIRÁ

Pernambuco, 2020, 80 min.

de Uilma Queiroz

Treze mulheres, treze ventres, treze esperanças, uma foto. E uma busca pelas mulheres que, em 1983, em uma seca no sertão do Pajeú pernambucano, lutaram pelo direito à sobrevivência, num contexto em que ser mulher era se limitar à função de administrar a miséria.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 12 E 20/12.

PROGRAMA 4

“TODA ARTICULAÇÃO POLÍTICA É FICÇÃO CIENTÍFICA”*

**POR EVELYN SACRAMENTO, KÊNIA FREITAS E
RAMAYANA LIRA**

A constelação de filmes aqui proposta nos desafia a pensar nos confins das imagens e dos sons e de nós mesmos. Filmes que de maneiras subterrâneas e/ou explosivas vislumbram futuros — e os seus depois e os seus antes (o sempre-já lá). Especulam um Brasil que não existe e, não existindo, permanece e se reinventa. Hiperficcionalizando e abrindo a ideia do documentário como registro do real para também tratar do hiper, do intra e do sub, que atravessam as nossas realidades.

* “Reescrevendo o futuro: usando ficção científica para rever a justiça”, de Walidah Imarisha, 2020 (2015)

SESSÃO 11

“VIBRA O VAZIO NO INVISÍVEL MOVIMENTO” *

Obatala film (Sebastian Wiedemann) e *POPXOP* (Natalino Maxakali e Ana Estrela) celebram e se oferecem como narrativas de criação e cura do mundo — com faíscas de luz, escuridão, auroras; cantos-encantadores e percussão. *POPXOP* acompanha o ritual Maxakali dos espíritos-macacos, pontuado pelo recontar dos mitos. Reafirmando o cinema como espaço para a partilha das experiências dos eventos-encontros, *POPXOP* permite a imersão no jogo de aparecer/esconder, demandando uma conexão com a imagem que, ao mesmo tempo, materializa e reinventa uma cosmologia. *Obatala film*, um “filme-oferenda”, também aposta nas estratégias da luminescência e do ritual para criar uma experiência sensorial que se aproxime de uma experiência de conexão espiritual. Os dois filmes nos permitem pensar e sentir a potência da imagem e do som para invocar cosmologias e fazer vibrar o corpo. Ao mesmo tempo, são documentários em que reverberam os limites entre o sagrado e o segredo, o que se dá a possibilidade de imagear (e o que não), criando presenças ativas do invisível.

* Tradução livre de “La indetenible quietud”, de Clara Janés, 2008



OBATALA FILM

Minas Gerais, 2019, 7 min.

de Sebastian Wiedemann

Na mítica Ile-Ife, cidade sagrada do povo Yoruba e fundada pelos próprios Orixás, a vertigem de entrar em relação com Obatala, orixá criador do mundo, da luz. Transe de faíscas luminosas, de corpos em conexão espiritual. Filme-devoção, filme-oferenda.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 12 E 20/12.



POPXOP

Minas Gerais, 2019, 102 min.

de Natalino Maxakali e Ana Estrela

Os Poxop, Macacos-Yãmĩyxop (Po'op-Yãmĩyxop), são aliados cantores do povo Tikmũ'ũn/Maxakali, hoje residentes do Vale do Mucuri, em Minas Gerais. Periodicamente, vêm às aldeias passar um longo período para manejar as saudades de suas mães e pais, pajés homens e mulheres Tikmũ'ũn / Maxakali. Eles cantam as histórias, os segredos, os caminhos e os olhares da Mata Atlântica, imitando e narrando cantos de outros grupos de Yãmĩyxop, seres encantados-cantores que também acompanham e protegem. Trazendo saberes e experiências de alegria, garantem a saúde da comunidade e celebram encontros xamânicos que atravessam o território e o tempo.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 12 E 20/12.

SESSÃO 12

“AS NAVES POUSARAM ANOS ATRÁS”*

A Cristalização de Brasília (Guerreiro do Divino Amor), *Reduto* (Michel Santos), *Invasão Espacial* (Thiago Foresti) e *VAZÃO* (Cecilia Assy e Marcia Rezende) transitam entre a hiperficção, o escrache, o realismo mágico e a experimentação para se interrogarem sobre os encontros impossíveis entre o absurdo e o belo, o geológico e as espaçonaves (que hoje são foguetes, mas já foram caravelas – e ainda desapropriam tudo ao redor). São filmes que confrontam a mentira fundadora colonial do mito Brasil. Em *A Cristalização de Brasília* a capital federal é desnudada pelo acúmulo de imagens e narrativas que a cercam: desbravamento bandeirante, centro de poder, promessa do recomeço no vazio, charlatanismo *new age*. No filme tudo é excesso e, ainda assim, não tão falso quanto o que se considera a versão oficial. Excesso que também transborda em *Reduto*, que nos situa dentro do pesadelo do agro é pop – “o sul do país na Bahia”. Por meio do estranhamento e recusa da própria narrativa familiar, o documentário busca um reencantamento pelo singelo e pelo possível contra o grotesco. Em *Invasão Espacial* e *VAZÃO* o projeto desenvolvimentista industrial e militar atravessa e invade de forma insólita a vida das pessoas, dos rios, dos bichos, da floresta. São filmes que partem da investigação sobre a expropriação e os projetos de poder para abordar as nossas distopias em curso.

* Tradução livre do título do texto de Mark Bould, 2007



A CRISTALIZAÇÃO DE BRASÍLIA

Distrito Federal, 2019, 7 min.

de Guerreiro do Divino Amor

Num tempo geológico acelerado, séculos se cristalizaram em poucos anos. Pela força do racionalismo místico, o futuro toma forma de um passado petrificado que tem o poder de embalsamar ideias e estruturas sociais para que se perpetuem para todo sempre.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 12 E 20/12.



REDUTO

Bahia, 2020, 13 min.

de Michel Santos

O confronto com os arquivos e as ações predadoras do agronegócio em Luís Eduardo Magalhães, cidade do Extremo Oeste da Bahia, onde nasceu e se criou o jovem realizador, filho de agricultores migrantes do Sul do Brasil. Na busca por enclaves de delicadeza, encontra-se refúgio no cinema para o olhar intoxicado pelo agro veneno. Um filme sobre imagens-reduto e imaginários espoliados.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 12 E 20/12.



INVASÃO ESPACIAL

Distrito Federal, 2019, 15 min.

de Thiago Foresti

Eles vieram de fora, entraram na cidade e seduziram o povo. Tentaram agradar a todos, mas ninguém entendia os seus planos. A comunicação era por acenos e gestos. Aos poucos, comunidades centenárias foram retiradas do seu território para dar lugar a planos espaciais. É difícil saber o que é ficção e realidade nessa localidade escondida no interior do Brasil. Invasão Espacial é um drama de realismo mágico absurdo, mas bastante real.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 12 E 20/12.



VAZÃO

Pernambuco, 2019, 9 min.

de Cecilia Assy e Marcia Rezende

Um arquivo do Rio São Francisco e das vidas atravessadas pelo seu curso. No fluxo das águas, um passado que apostou na monumentalidade da intervenção humana no rio se justapõe ao presente em ruínas.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 12 E 20/12.

SESSÃO 13

“A FUGA SÓ ACONTECE PORQUE É IMPOSSÍVEL”*

Lembrar daquilo que esqueci (Castiel Vitorino Brasileiro), *Rua Augusta, 1029* (Mirrah Iañez), *Relatos Tecnopobres* (João Batista Gabriel Carvalho Silva) e *Veias de Fogo* (Coletivo – Carnaval no Inferno) costumam rotas de fuga: na cura, na ação política e na alegria. Uma promessa feita ao avô guia os percursos de cura em *Lembrar daquilo que esqueci*. Uma cura processo e ritual, coletiva e individual, de um trauma brasileiro que nos funda. Cura que se articula na luta em *Rua Augusta, 1029* e em *Relatos Tecnopobres*. O primeiro, um filme imersão que se implica estética e politicamente no processo de resistência e criação de mundo das ocupações urbanas. E o segundo, uma carta do futuro das lutas subterrâneas já em curso no agora mesmo. Cura e luta encontram-se na festa em *Veias de Fogo*. Se a guerra está declarada e o apocalipse se aproxima, as demônias estão montadas e preparadas. Como na fuga musical, há um tema repetido nos filmes que se espraia pelas obras: o corpo. Os corpos são colocados no centro das dúvidas, ambiguidades, promessas e travessias que os filmes figuram. Vulneráveis e resistentes em *Rua Augusta* e *Relatos Tecnopobres*, ponto de conexão com a ancestralidade em *Lembrar daquilo que esqueci* e em furiosa vibração de afirmação da vida em *Veias de Fogo*.

* Referência à obra “Sem título (a fuga só acontece porque é impossível)” de Jota Mombaça. Intervenção na parede, «Arte Democracia Utopia», Museu de Arte do Rio, 2018.



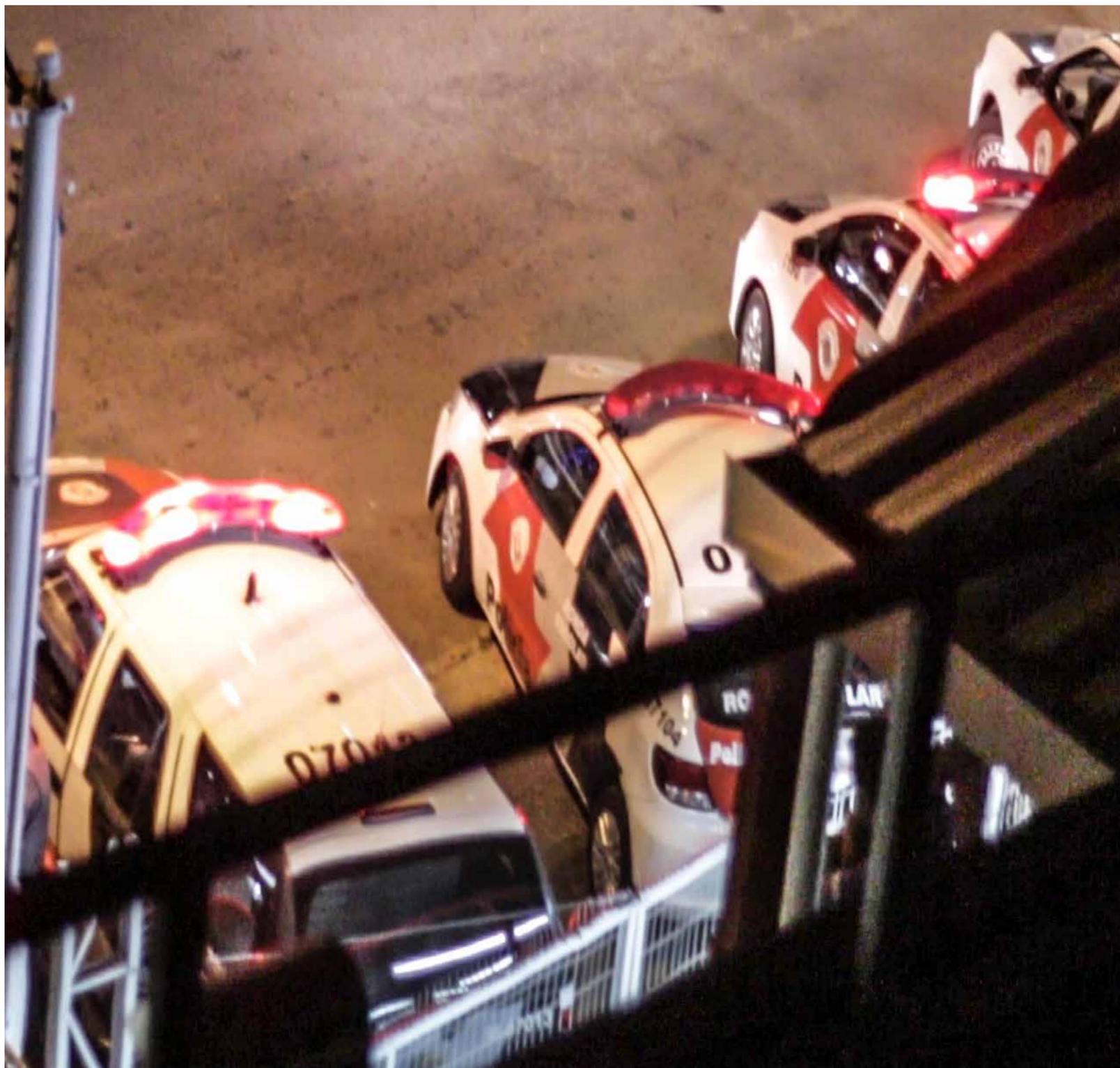
LEMBRAR DAQUILO QUE ESQUECI

Espírito Santo, 2020, 20 min.

de Castiel Vitorino Brasileiro

“É uma promessa que fiz pro meu avô, que descobri ser uma aposta que ele fez em mim. Subir e descer semanalmente a Fonte Grande (Vitória, no Espírito Santo) durante o tempo que me for necessário viver”.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 12 E 20/12.



RUA AUGUSTA, 1029

São Paulo, 2019, 11 min.

de Mirrah Iañez

Em São Paulo, na madrugada de 13 de Abril de 2015, 6 mil famílias ocuparam 18 prédios sem função social. Rua Augusta, 1029 é um dos endereços ocupados.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 12 E 20/12.



RELATOS TECNOPOBRES

Goiás, 2019, 13 min.

de João Batista Gabriel Carvalho Silva

Após o apocalipse político de 2019, graves violações aos direitos humanos foram cometidas contra as populações tradicionais e periféricas visando à sua extinção. Em 2035, os sobreviventes lutam pelo direito de viver e articulam uma revolução tecnopobre.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 12 E 20/12.



VEIAS DE FOGO

Ceará, 2020, 18 min.

de coletivo Carnaval no Inferno

Uma horda de demônias atravessa a cidade rumo ao inferno, tomando para o próprio corpo a fé na palavra apocalíptica. Corpos dissidentes, pela festa, ativam novos possíveis.

DISPONÍVEIS ONLINE ENTRE 12 E 20/12.

DIA 07/12, 19h.

MEDIAÇÃO: KÊNIA FREITAS

SAIR DO ARMÁRIO (BAHIA, 2018, 3 MIN.), de Marina Pontes

SOB A SOMBRA DA PALMEIRA (MINAS GERAIS, 2020, 17 MIN.)
de Tomyo Costa Ito

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO (Pernambuco, 2019, 11 min.), de Priscila
Nascimento

MICHELE DE MICHELE MESMA: NARRATIVAS DE UMA MULHER
SERTANEJA (BAHIA, 2019, 12 MIN.), de Michele Menezes

DIA 08/12, 19h

MEDIAÇÃO: RAYANNE LAYSSA

AINDA TE AMO DEMAIS (Alagoas, 2020, 21 min.), de Flávia Correia

ESSA FESTA É A MINHA VIDA (Bahia/Alagoas, 2020, 18 min.)
de Ulisses Arthur

AURORA (Bahia, 2018, 15 min.), de Everlane Moraes

É SIM DE VERDADE (Bahia, 2018, 22 min.), direção coletiva de
mulheres em privação de liberdade junto ao Complexo Prisional de
Feira de Santana

DIA 09/12, 19h

MEDIAÇÃO: RAMAYANA LIRA

FILME DE DOMINGO (São Paulo, 2020, 28 min.), de Lincoln Péricles

ENTRE NÓS E O MUNDO (São Paulo, 2019, 17 min.), de Fabio Rodrigo

MINHA HISTÓRIA É OUTRA (Rio de Janeiro, 2019, 22 min.)
de Mariana Campos

ARCO DO TEMPO (Bahia, 2019, 17 min.), de Juan Rodrigues

DIA 10/12, 19h

MEDIAÇÃO: EVELYN SACRAMENTO

NEGRO EM MIM (São Paulo, 2020, 112 min.), de Macca Ramos

(OUTROS) FUNDAMENTOS (São Paulo, 2019, 15 min.), de Aline Motta

IRUN ORÍ (Bahia, 2020, 8 min.), de Juh Almeida

O MUNDO PRETO TEM MAIS VIDA (Maranhão, 2018, 37 min.),
de Sabrina Duran

DIA 11/12, 19h

MEDIAÇÃO: FABIO RODRIGUES

CADÊ EDSON? (Distrito Federal, 2019, 73 min.), de Dácia Ibiapina
da Silva

MÃES DO DERICK (Paraná, 2020, 77 min.), de Dê Kelm

DIA 13/12, 19h

CAMINHOS DA CURADORIA

ÁLEX ANTÔNIO

EVELYN SACRAMENTO

FABIO RODRIGUES FILHO

KÊNIA FREITAS

OTÁVIO CONCEIÇÃO

PATRÍCIA MOURÃO

RAMAYANA LIRA

RAYANNE LAYSSA

DIA 14/12, 19h

MEDIAÇÃO: FABIO RODRIGUES

NC5 CONTRA A LEI DO IMPEDIMENTO (Rio de Janeiro, 2019, 24
min.), de Lucio Branco

UM DE VERMELHO E UM DE AMARELO (Minas Gerais, 2020, 14
min.), de Frad, GM, Lipe

NÃO FIQUE TRISTE, MENINO (Ceará, 2018, 8 min.), de Clébson
Francisco

O BEM VIRÁ (Pernambuco, 2020, 80 min.), de Uilma Queiroz

DIA 15/12, 19h
MEDIAÇÃO: RAMAYANA LIRA

OBATALA FILM (Minas Gerais, 2019, 7 min.), de Sebastian Wiedemann

POPXOP (Minas Gerais, 2019, 102 min.), de Natalino Maxakali e Ana Estrela

DIA 16/12, 19h
MEDIAÇÃO: EVELYN SACRAMENTO

LEMBRAR DAQUILO QUE ESQUECI (Espírito Santo, 2020, 20 min.), de Castiel Vitorino Brasileiro

RUA AUGUSTA, 1029 (São Paulo, 2019, 11 min.), de Mirrah Iañez

RELATOS TECNOPOBRES (Goiás, 2019, 13 min.), de João Batista Gabriel Carvalho Silva

VEIAS DE FOGO (Ceará, 2020, 18 min.), de coletivo Carnaval no Inferno

DIA 17/12, 19h
MEDIAÇÃO: RAYANNE LAYSSA

VANDER (Bahia, 2019, 2 min.), de Barbara Carmo

CINEMA CONTEMPORÂNEO (Pernambuco, 2019, 5 min.), de Felipe André Silva

FORMATURA (São Paulo, 2020, 8 min.), de Caio Franco

QUANDO ERA PRIMAVERA (Goiás, 2019, 13 min.), de Lara Damiane

ENTRE O CÉU E O SUBSOLO (Bahia, 2019, 43 min.), de Felipe da Silva Borges

DIA 18/12, 19h
MEDIAÇÃO: PATRÍCIA MOURÃO

A Cristalização de Brasília (Distrito Federal, 2019, 7 min.), de Guerreiro do Divino Amor

Reduto (Bahia, 2020, 13 min.), de Michel Santos

Invasão Espacial (Distrito Federal, 2019, 15 min.), de Thiago Foresti

VAZÃO (Pernambuco, 2019, 9 min.), de Cecilia Assy e Marcia Rezende

**CLIQUE AQUI E
ACESSE O SITE**

CINEMA EM VIZINHANÇA

CINEMA EM VIZINHANÇA

Por Ana Rosa Marques

Um dos maiores desafios impostos pela pandemia ao Cachoeira-Doc foi manter o contato com a comunidade do Recôncavo. Como encontrar com as pessoas se o vírus nos impõe um distanciamento? Como estreitar os laços que buscamos amarrar ao longo de dez anos de atividades? Mais uma vez o cinema nos apareceu como resposta. Se a ordem é ficar em casa, iremos aos lares de Cachoeira e Santiago do Iguape, comunidade quilombola da zona rural do município, com projetor, filmes e o desejo de pensar e repensar o mundo com o cinema.

O Cinema em Vizinhança é a continuação de uma ação concebida e desenvolvida em 2017 por estudantes e agora profissionais formados pela UFRB, adaptada ao contexto pandêmico. Ao invés dos sucos e quitutes que animavam as conversas pós-exibição naquele ano, eles chegarão mascarados e com litros de álcool gel, mas com o mesmo entusiasmo de ver e debater os filmes. Para os jovens do projeto, é uma experiência de formação cinematográfica e de vida, quando desenvolvem uma curadoria para propor às famílias que recebem a visita, estudam estratégias para difundir o cinema e construir comunidade a partir dos filmes.

Porque aqui o que se busca inventar é outra prática espectral, verdadeiramente comunitária. Partilha-se não somente filmes – mas todo um processo para que a atividade aconteça. A partir de um cardápio de filmes, as famílias escolhem quais querem ver, quando, como e junto com os jovens, organizam o espaço de exibição. Não são espectadores anfitriões de um projeto pronto e acabado e sim participantes ativos da experiência.

Coordenação: ANA ROSA MARQUES

Curadoria: ÁLEX ANTÔNIO E OTÁVIO CONCEIÇÃO

Mediação em Cachoeira: FABIO RODRIGUES E ÁLEX ANTÔNIO

Produção em Cachoeira: ÁLEX ANTÔNIO

Produção e Mediação em Santiago do Iguape: ELEN LINTH

Idealização: OLIVIA BARCELLOS

Exibições nos lares de Cachoeira e Santiago do Iguape, comunidade quilombola da zona rural de Cachoeira



BELDADE

Bahia, 2020, 19 min.

de Juliana Costa

Durante os preparativos para mais uma edição da festa anual em sua homenagem, Maria Grande recorda a história do evento e conversa sobre os olhares em torno dessa festa. A ideia que mulher deve ser recatada e do lar não se cria nas ruas da Bahia!! E viva a irreverência e o desejo de liberdade da mulher baiana!



FILHAS DE LAVADEIRAS

Distrito Federal, 2019, 22 min.

de Edileuza Penha de Souza

A realidade de mulheres negras que romperam trajetórias de miséria, ainda que em meio ao racismo e sexismo, pela herança de suas mais velhas que acreditavam na educação como resistência. Mesmo em profissões popularmente desvalorizadas, como as de lavadeiras, talvez as primeiras ocupadas por mulheres negras, em consequência do controverso processo de abolição brasileiro, elas se tornaram forças propulsoras de mudanças no seio das famílias negras, mudanças de dentro e de fora.



IRUN ORÍ

Bahia, 2020, 8 min.

de Juh Almeida

Na língua iorubá Irun significa cabelo e Ori, cabeça. É nesse fio crespo que se trançam as histórias de tantas mulheres entre Moçambique e Bahia, entre África e sua diáspora.

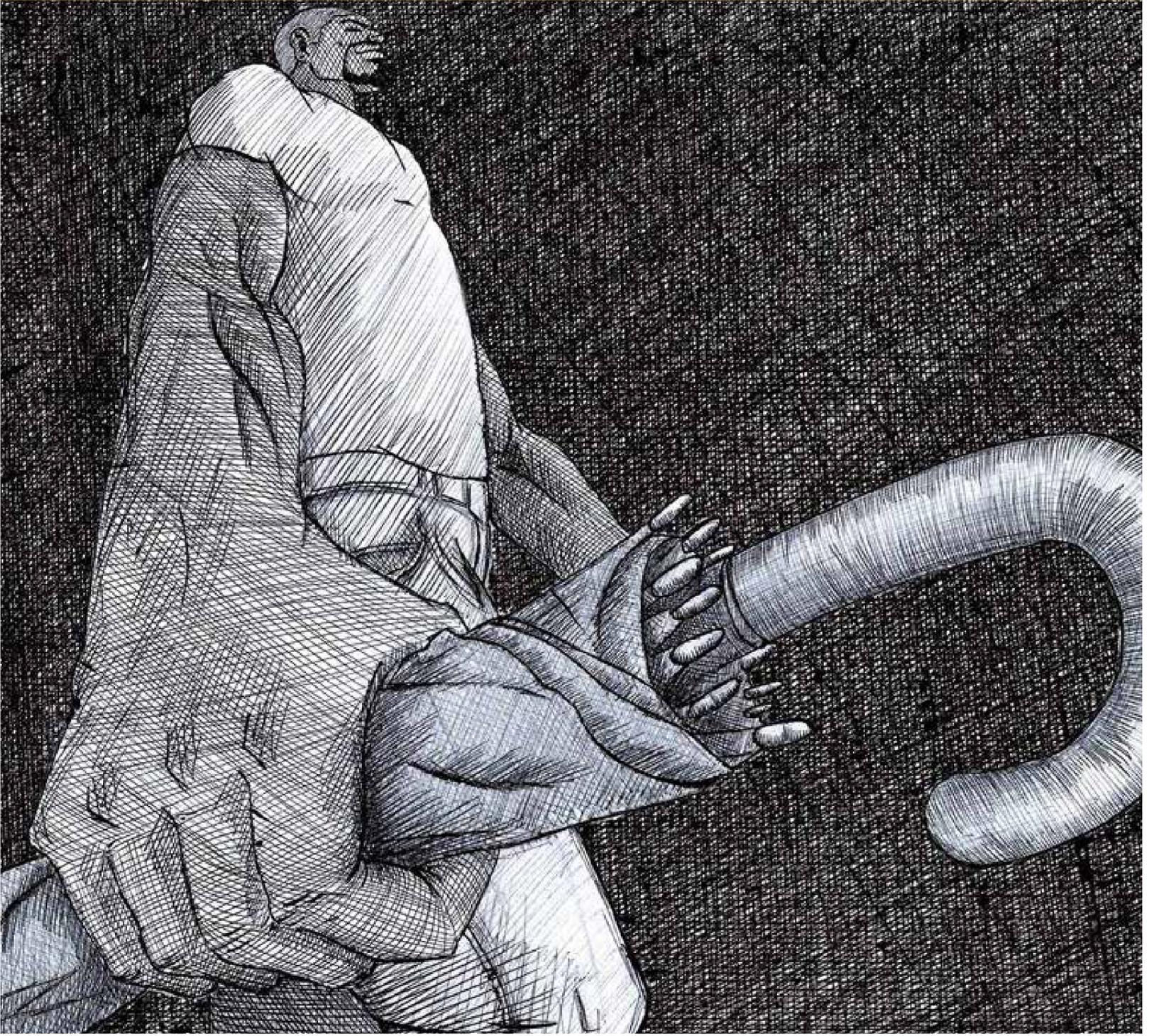


CORRERIA

Bahia, 2020, 6 min.

de Rafael Cerqueira Ramos

Entre imagens poucos vistas ou conhecidas da capital baiana, misturadas também com registros diários, CORRERIA conta um pouco da história de LVC, pichador da cidade de Salvador, que deixa sua marca/trabalho por onde passa. Visitando bairros, ruas e vielas, em muros e pistas, LVC tenta registrar seu ofício por toda a cidade, ocupando esses espaços visualmente, querendo subverter o invisível que rodeia a capital. Trazendo com ele uma câmera que captura suas visitas noturnas na rua, LVC propõe trazer uma cura pela comunicação visual de suas pichações.



INTERROGAÇÃO (OU PSICOPATA LEGALIZADO)

São Paulo, 2019, 1 min.

de Moisés Pantolfi

A animação retrata dentro de um tempo mais que ágil, uma das muitas injustiças dos recorrentes casos em que se “confundem” e acertam o alvo que sempre esteve na mira do sistema. Aqui se trata da vida de Rodrigo Alexandre da Silva, homem negro que esperava a mulher e os filhos num dia chuvoso e seu guarda-chuva vira facilmente uma ameaça. Uma vida perdida para uma mira assertiva e uma interrogação que fica.



O PEIXE

Bahia, 2018, 6 min.

de Ítalo Rodrigues

A simplicidade do nosso dia-a-dia, a famigerada rotina de trabalho, pode falar muito quando é atrelada aos nossos pensamentos. Pensamentos sobre o futuro. Desejos...sonhos. O peixe mostra um dia na vida de Everlin Barbosa, jovem pescador de sardinha da região de Plataforma (no Subúrbio Ferroviário de Salvador). Acompanhamos Everlin até o trabalho e durante a caminhada, somos levados por sua narração que relata sonhos ainda incertos, porém convictos sobre o futuro talvez muito próximo.

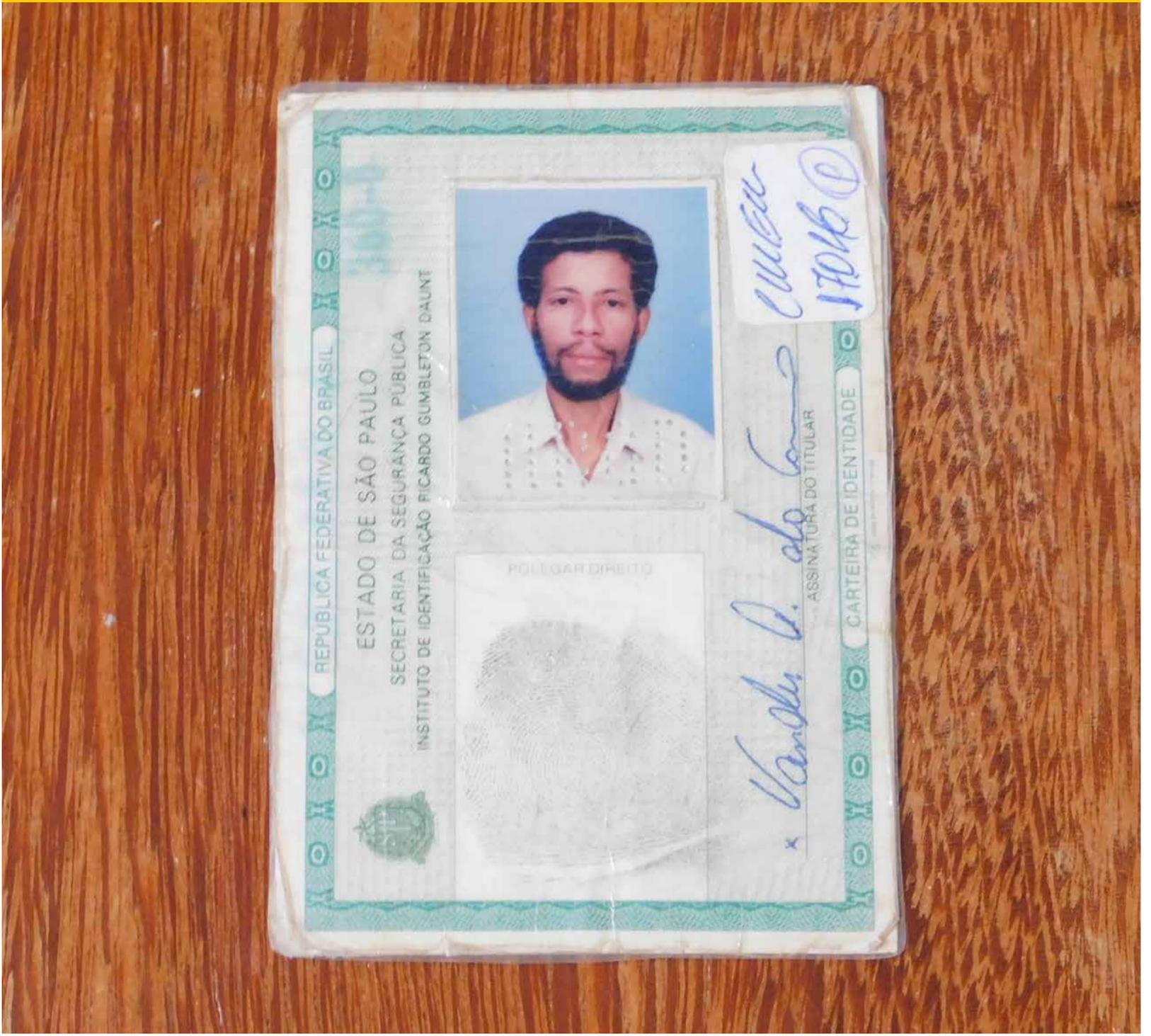


FAVELA ONDE EU CRESCI

Bahia, 2019, 11 min.

de Daniel Souza do Nascimento

Sobreviver e resistir através da música, Seko Ds é um cantor de pagode do Recôncavo. Líder artístico e comunitário, ele usa das suas composições e músicas para denunciar e enfrentar as opressões e genocídio executado pelo Estado brasileiro.



VANDER

Bahia, 2019, 2 min.

de Bárbara Carmo

Uma filha tenta encontrar a conexão perdida com seu pai através da única foto que possui.



PEGA-SE FACÇÃO

Pernambuco, 2020, 13 min.

de Thais Braga

Adentrando a perspectiva das costureiras da zona rural de Caruaru (PE), Pega-se Facção mostra e reflete sobre as questões desse universo: vida pessoal, condições precárias de trabalho, baixa remuneração, apontando também o futuro das descendentes desse ofício.



TEMPOS VERBAIS

Bahia, 2019, 4 min.

de Ema Ribeiro

Um corpo negro sem nome. Fotografias de mais um dia de trabalho. Tempos Verbais busca criar fabulações para caracterizar as pessoas aqui fotografadas e pintadas em telas: escravizadas. Quem poderia ter sido essas pessoas, além do que é mostrado nessas fotos? As semelhanças, que nos agarram mais forte que o tempo, são o guia da narrativa. A memória histórica faz cruzamento com a dor e o afeto. Um filme sobre família. Um filme de sensações. Diáspora.



FARTURA

Rio de Janeiro, 2019, 26 min.

de Yasmin Thayná

Tempo e tradição, comida, afeto e encontros que marcam a memória de muitos de nós, no fluxo das imagens de arquivo feitas por famílias negras de periferias e favelas carioca. Fartura (re)costura as relações das celebrações familiares e o alimento como elemento simbólico que não só nutre um corpo, mas também faz repensar os afetos.



AS RENDAS DE DINHO

Santa Catarina, 2019, 25 min.

de Adriane Canan

Entre a lembrança de antigos carnavais, na partilha da dor e das delícias de ser quem se é, *As rendas de Dinho* é um filme de celebração da vida e dos encontros. Neste documentário, conhecemos a trajetória de Dinho Rendeiro, personagem que segue incansavelmente sua luta para romper preconceitos e irrigar com purpurina a realidade. Como numa renda, aqui vários fios narrativos são trama-dos para se criar um retrato justo a um personagem tão inspirador. Imagens de arquivos, entrevistas, performances e montagem, tudo cabe para mostrar, louvar e celebrar aquele que segue firme sendo múltiplo.



ESSA FESTA É A MINHA VIDA

Bahia/Alagoas, 2020, 18 min.

de Ulisses Arthur

Acompanhando uma madrugada junto a Piteco, personalidade do Recôncavo da Bahia, este filme registra por um ângulo improvável a famosa e esperada Festa da Nossa Senhora D'Ajuda, em Cachoeira. A intimidade da conversa, o esmero da maquiagem, os ajustes no figurino... tudo faz aqui um retrato precioso e delicado de uma estrela. Uma fala de Piteco inspira o título do curta, "essa festa é minha vida", frase que revela a dimensão ética daquele que se guarda o ano inteiro para entregar-se e abrilhantar os embalos D'Ajuda.

A black and white portrait of Denise Ferreira da Silva, a Black woman with short, curly hair, wearing a dark jacket and a white and dark patterned scarf. She is looking slightly to the right of the camera with a thoughtful expression.

**CLIQUE AQUI E
ACESSE O SITE**

CICLO DE CONFERÊNCIAS

CORPUS INFINITUM

**FALA-PERFORMANCE DE ABERTURA COM DENISE
FERREIRA DA SILVA**

DIA 05/12, ÀS 16h.

Denise Ferreira da Silva, filósofa e artista visual, nasceu no Morro do Pasmado (Botafogo), cresceu na Vila Aliança (Bangu), Rio de Janeiro. Tendo morado e ensinado em universidades nos Estados Unidos, Austrália, Inglaterra, atualmente vive e trabalha nos territórios da nação indígena Musqueam e é Professora Titular e Diretora do Social Justice Institute da Universidade de British Columbia, em Vancouver, Canadá.

Em um live, em junho de 2020, ela nos perguntou:

“Quantas vezes mais deve o trabalho crítico e criativo recitar os episódios de violência colonial e racial? Quantas vezes se deve exigir o reconhecimento de que ocorreu uma injustiça? De que outra maneira se pode articular um grito por justiça? Quantos corpos mortos teremos que acumular até que haja bastante evidência?”¹

Ao expor o insuportável acúmulo de evidências e a sua exaustão enquanto estratégia discursiva e imagética num mundo estruturado pela violência racial e colonial, as interrogações de Denise Ferreira da Silva traduzem uma convocação ao cinema documental, gênero que se funda e orbita em torno da produção de evidências do mundo visível e de suas injustiças, para um trabalho de recomposição crítica e poética.

1 FERREIRA DA SILVA, Denise. Trecho de uma fala na live do Latitude Festival: <https://www.facebook.com/goetheinstitut/videos/1381084875613111/>, em 06 de junho de 2020.





**CLIQUE AQUI E
ACESSE O SITE**

TROCA DE SABERES: ENCONTRO DE PROJETOS DE EXTENSÃO

A atividade vai reunir representantes de projetos realizados por diversas universidades, de diferentes estados, para apresentar, conhecer e refletir juntos sobre essas experiências, formando assim uma rede de trocas e de sonhos por novas ações.

Além do perfil extensionista, o que os projetos aqui reunidos também tem em comum é o uso do audiovisual como ferramenta para a prática e o pensamento. Dessa maneira, contribuem com o desenvolvimento de outras metodologias de pesquisa, ensino e aprendizagem.

São cineclubes, mostras, cursos ou filmes que atravessam e conectam universidade e sociedade. Em tempos de isolamento e intolerância, a extensão aproxima e finca a universidade ao território, amplia o seu olhar ao fazer conviver sujeitos e grupos com histórias e perspectivas diversas. Essa convivência fertiliza tanto a universidade como a comunidade possibilitando que juntas ensinem, aprendam, construam e partilhem conhecimentos mais múltiplos.

09/12, 11h

DIVERSIFICAR OS SABERES, PLURALIZAR A EDUCAÇÃO

A mesa reúne projetos que pluralizam e ampliam a educação, seja via descolonização do olhar, pela transdisciplinariedade ou pela incorporação e disseminação do conhecimento desenvolvido além do mundo acadêmico. Serão apresentados processos, produtos e práticas dos projetos discutindo-se questões como metodologias de ensino e aprendizagem, diversificação dos espaços de formação e a articulação do cinema com a educação e os direitos humanos.

Mediação: ANA PAULA NUNES – Professora adjunta do curso de cinema e audiovisual da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, onde também é tutora do PET Cinema e coordenadora do Grupo de Pesquisa Quadro a Quadro – projetando ideias, refletindo imagens, atuando na interface cinema e educação. É idealizadora e coordenadora da Mostra de Cinema Infantojuvenil de Cachoeira – ManduCA.

ETNOVIS – UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB

A disciplina Etnologia Visual da Imagem do Negro no Cinema – ETNOVIS acontece como uma atividade integrada do Decanato de Extensão (DEX) e do Núcleo Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da Universidade de Brasília (UnB), desde 2009, todas as sextas-feiras, das 14h às 18h (totalizando 60 horas). Entre suas atividades, a disciplina é responsável pela realização da Mostra Competitiva de Cinema Negro Adélia Sampaio.

Como disciplina de extensão, 70% das vagas são destinadas a estudantes de graduação da UnB e 30% dividido entre estudantes, funcionários e professores da Universidade, bem como professores e professoras do GDF (Governo do Distrito Federal). O curso/disciplina tem como objetivo abordar a produção de imagens cinematográficas do negro no cinema africano, ao longo da sua história, refletindo sobre o caráter ideológico deste processo e as consequências do mesmo nos pleitos identitários. As formas de produção e difusão de imagens no cinema são abordadas na disciplina, discutindo-se sobre suas estratégias e recorrências, bem como, breve introdução à história do cinema; a função educativa do cinema; panorama sobre o cinema negro africano. Território, Oralidade; Identidade, Memória e Feminilidade.

Edileuza Penha de Souza – Professora, documentarista e pesquisadora. É a idealizadora, curadora e coordenadora da Mostra Competitiva de Cinema Negro Adélia Sampaio. Curadora do Festival de Cinema do Paranoá – Brasília/DF e da Mostra de Cinema da Cova – Lisboa – Portugal. Roteirista e diretora dos curtas “Mulheres de Barro” (2015) e “Filhas de Lavadeiras”. Organizou a Coleção: “Negritude Cinema e Educação – Caminhos para implementação da lei 10.639/2003.



PROGRAMA DE FORMAÇÃO TRANSVERSAL EM SABERES TRADICIONAIS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG

Desde 2014, no esforço de criar práticas pluri-epistêmicas de ensino e pesquisa, o Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais acolheu dezenas de mestras e mestres das culturas afro-brasileiras, indígenas e populares, que ministram disciplinas oferecidas a todos os cursos de graduação. Em consonância com a atenta escuta que essas disciplinas exigem, foram criados diferentes formatos audiovisuais – vídeo-aulas, documentários e vídeo-retratos – que buscam colocar em cena o encontro entre os saberes tradicionais e o conhecimento acadêmico.

Em seus diferentes formatos e com a peculiaridade de seus recursos expressivos, os vídeos documentam as complexas formas de sistematização e de transmissão – predominantemente orais – dos saberes produzidos pelas culturas tradicionais (indígenas, afro-brasileiras e populares) e que nem sempre encontram formatos adequados no âmbito das publicações impressas. Em contraste com a mono-episteme eurocêntrica, eles trazem, sob o signo do múltiplo, a palavra viva e os modos singulares de enunciação do discurso protagonizado pelas mestras e mestres dos saberes das comunidades tradicionais. Esse material audiovisual, feito de registros diversos, pode ser acessado no site.

Cássia Cristina da Silva - Makota Kidoiale -

Mestra e professora no Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais. Liderança comunitária no kilombo urbano e candomblé Manzo Ngunzo Kaiango, militante no movimento negro, e do Coletivo Mães Pela Diversidade. Coordenadora do Projeto Kizomba, Assessora do Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial (Compir).



César Guimarães –

Coordenador do Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais. Professor Titular da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da UFMG e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Integrante do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, do grupo de pesquisa Poéticas da Experiência. Editor da revista Devires: Cinema e Humanidades.



Pedro Aspahan –

Coordenador do trabalho audiovisual do Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG. Diretor, técnico de som e montador, especializado no campo do documentário. Dirigiu o longa-metragem Matéria de Composição (2013). Foi professor universitário e atuou em projetos de democratização do acesso aos meios de produção audiovisual, como o Projeto Rede Jovem de Cidadania, em Belo Horizonte.



INVENTAR COM A DIFERENÇA: CINEMA, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS – UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF

Programa que desenvolve metodologias, pesquisas e processos que têm em comum uma interface entre o cinema, a educação e a clínica, em espaços formais e não-formais de ensino e tratamento. Entre os anos de 2013-2017, em parceria com a extinta Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República do Brasil, o programa promoveu e fomentou a criação de uma rede de formação em cinema e direitos humanos para todo o território brasileiro. Por meio da criação dos Cadernos do Inventar, coletânea de dispositivos cinematográficos para educadores e estudantes, o programa atuou como propo- nente e parceiro de práticas audiovisuais em escolas, associações de bairro, centros socioeducativos, ONG's, comunidades indígenas, quilombos, escolas livres, ateliês, projetos de extensão e grupos de pesquisa. Os Cadernos foram traduzidos para o espanhol e o inglês e divulgados em países da América Latina, como Bolívia, Uruguai e Chile, e Europa, atingindo milhares de educadoras e estudantes. Desde 2018, o Inventar com a Diferença tem sua escala reduzida e desloca seu eixo de trabalho para uma maior atenção às práticas com educadores e educadoras, sobretudo da rede pública de ensino, em grupos menores. Os grupos atuam como organismos autônomos e autogestionados, baseados na criação coletiva, tendo as imagens e sons como intercessores. Mais recentemente, a dimensão clínica foi introduzida como foco de trabalho, expandindo o campo de ação do programa e incorporando noções e problemas ligadas ao cuidado e os processos subjetivos atravessados pelas artes.

Isaac Pipano – É um dos idealizadores do Inventar com a Diferença e integra a equipe do programa Semente Cinematográfica especializado em educação audiovisual. Atua desde 2010 como educador em programas de formação audiovisual para a rede básica, no ensino superior e técnico. É coautor do livro Cinema de Brincar e prepara a publicação de sua tese Isso que não se vê: pistas para uma pedagogia das imagens. Doutor em Comunicação (UFF) e professor de Teorias do Cinema na Universidade de Fortaleza (UNIFOR).



10/12, 11h

PROJETANDO ESPAÇOS E COMUNIDADES PARA E COM O CINEMA

As universidades têm um papel fundamental na difusão e reflexão sobre filmes e formação de público. Ações como cineclubes e festivais possibilitam ampliar e transgredir o circuito de exibição, democratizam o acesso ao cinema e estimulam o pensamento com imagens e sons, além de desenhar espaços comuns e tecer elos entre a universidade e a comunidade. A mesa promove o encontro de professores e uma estudante para pensar os frutos e perspectivas dos projetos que coordenam e que possuem em comum o fato de serem desenvolvidos em locais do interior do Nordeste.

Mediação: ANA ROSA MARQUES - Professora e coordenadora do curso de cinema e audiovisual da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. É co-diretora dos documentários Dias de Feira (1999), A porta da Rua (2002) e Cordeiros (2009). Coordenadora pedagógica do Cachoeiradoc. Curadora da Mostra de Cine Dia de Brasil (Barcelona).

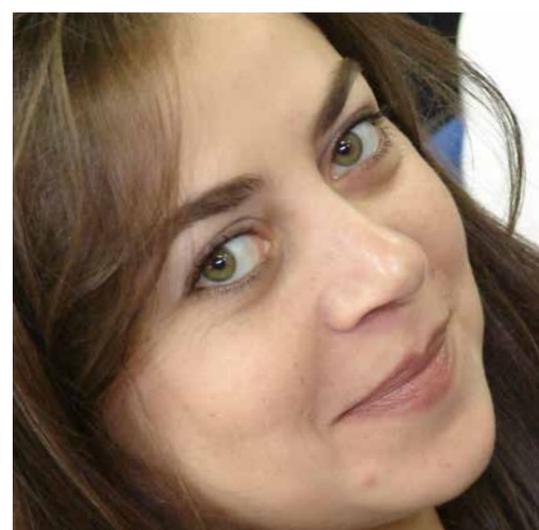
JANELA INDISCRETA – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)

Sediado em Vitória da Conquista (BA), o Janela Indiscreta realiza, desde 1992, exibição e debate coletivo de filmes em diversos espaços sociais, procurando propiciar o exercício do olhar crítico, a partir da especificidade da linguagem cinematográfica e das potencialidades do acesso qualificado a essa arte. Também realiza/participa de pesquisas, publicações e produções audiovisuais temáticas. As ações são gratuitas e voltadas para a comunidade universitária e a comunidade em geral, abrangendo públicos diversificados, na cidade-sede e em outras da Bahia, especialmente da região sudoeste do estado.

A programação realizada nos últimos anos inclui ações permanentes, além de ações parceiras, a exemplo de: 1- Cinema na Uesb, sessões comentadas semanais ; 2 – Cinema: Eis a Questão, voltado para a escolha e a discussão dos filmes indicados para o Vestibular da Uesb; 3 – Sessões Especiais, realizadas em atendimento a demandas específicas; 4 – Semana Glauber, realizada bianualmente em homenagem ao cineasta conquistense; 5 – Mostrinha de Cinema Infantil e Mostra Juvenil de Vitória da Conquista, voltadas para alunos da rede pública de ensino; 6 – Cinema Itinerante, que leva atividades de exibição, debate e formação a espaços externos à Universidade; 7 – Programação de mostras e festivais da Uesb ou fora dela.

O Janela Indiscreta também integra o Projeto Pedagógico do curso de cinema e audiovisual da Uesb e configura-se como espaço de estágio curricular dos alunos do curso. O programa faz gestão ainda da Sala de Projeção Jorge Melquisedeque e mantém em funcionamento um núcleo de produção audiovisual.

Raquel Costa – Coordenadora do programa Janela Indiscreta, ligado à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários e à graduação em Cinema e Audiovisual da Uesb. É pesquisadora dos grupos de pesquisa Cinema e Audiovisual: memória e processos de formação cultural (Uesb) e Cultura, Memória e Desenvolvimento (Universidade de Brasília).



CIRCUITO PENEDO DE CINEMA – UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)

O Circuito Penedo de Cinema é um evento que congrega o Festival de Cinema Universitário (10ª Edição), o Festival do Cinema Brasileiro de Penedo (13ª Edição), o Festival Velho Chico de Cinema Ambiental (7ª Edição) e o Encontro de Cinema Alagoano (10ª Edição), esta edição marca a reabertura do majestoso Cinema São Francisco na cidade de Penedo/AL. O Circuito configura-se hoje como a mais importante atividade do audiovisual em Alagoas e atrai realizadores, cinéfilos e amantes da sétima arte de todos os recantos do país, além de personalidades do cinema e da TV. O evento constitui-se numa atividade cultural, de abrangência nacional, promovido pela Universidade Federal de Alagoas, em parceria com outras instituições, grupos e entidades representativas do setor audiovisual alagoano. Trata-se também de uma atividade de caráter educativo, com ações realizadas para alunos de todos os níveis de ensino e em parcerias com escolas e instituições de educação públicas e privadas.

Sérgio Onofre – Coordenador do Festival de Cinema Universitário de Alagoas. Professor da Universidade Federal de Alagoas, lotado na unidade Penedo. Exerceu a Coordenação de Assuntos Culturais da Pró-reitoria de Extensão e a direção do Espaço Cultural Universitário Salomão de Almeida Barros Lima (dez/2012 a jan/2016). Coordena o Projeto Tambores o Cineclube Cine Artepopular.



CINECLUBE MÁRIO GUSMÃO – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA (UFRB)

O projeto de pesquisa e extensão Cineclube Mário Gusmão, vinculado ao curso de cinema e audiovisual da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, completou dez anos de existência em 2020, atuando em Cachoeira e em outros municípios do Recôncavo, um dos principais destinos da diáspora africana no mundo. A partir do diálogo com esse território e com a trajetória artística e de vida do ator negro, cachoeirano, ícone do teatro, do cinema e da dança afro na Bahia, Mário Gusmão, o projeto tem se constituído, nesse período, como um importante espaço de construção de passados-presentes para o cinema negro brasileiro contemporâneo, em diálogo com os cinemas africanos e afrodiaspóricos. O projeto conta no momento com 8 integrantes – a professora Cyntia Nogueira, as/os estudantes universitários Jamile Cazumbá (Museologia), Álex Antônio (Cinema), Emily Ribeiro (Cinema), Reifra Pimenta (Cinema), Danielle Almeida (Comunicação) e Adrielly Novaes (Comunicação) e o estudante do Colégio Estadual da Cachoeira Alderivo Amorim – envolvidos na atividade periódica de exibição de filmes, o que inclui a pesquisa, a curadoria, a negociação de direitos autorais, a localização de cópias em acervos diversos, a mobilização de público, a produção das sessões, escrita de textos críticos, mediação de debates e realização de oficinas, com atuação também em escolas do território.

Jamile Cazumbá – Coordenadora do Cineclube Mário Gusmão, integra o projeto Práticas Desobedientes, o Coletivo Angela Davis, o corpo editorial e curatorial da Revista Gravidade. É graduanda em Museologia na UFRB. É artista das multilinguagens e atualmente dedica-se ao campo das artes visuais e ao trabalho ritual-recital-performático, pesquisando memórias ancoradas nos corpos de mulheres negras e lésbicas.



11/12, 11h

PENSAR E FAZER O MUNDO E OUTROS MUNDOS

A mesa traz projetos que desenvolvem ações variadas para refletir e agir criticamente sobre o mundo contemporâneo pelo cinema. São grupos de estudo, atividades de pesquisa, cineclubes ou produção audiovisual que fomentam e ampliam as discussões sobre questões fundamentais da atualidade, a exemplo dos temas étnico-raciais. A mesa ainda abordará a relação extensão-pesquisa e a parceria com outras organizações.

Mediação: CYNTIA NOGUEIRA – Professora do curso de cinema e audiovisual da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Co-fundadora e coordenadora pedagógica do Projeto de Pesquisa e Extensão Cineclubes Mário Gusmão. Organizou a Caixa Anjo Negro: Cineclubes Mário Gusmão 2010-2011 (2013) e o livro Walter da Silveira e o cinema moderno no Brasil (2020).

PRETANÇA – CENTRO UNIVERSITÁRIO UNA

O projeto existe desde 2016 e propõe a ampliação de espaços de discussão de questões étnico-raciais e suas intercessões no ambiente acadêmico, chamando à participação pessoas que são estudantes, colaboradoras da instituição e que integram a comunidade externa. As ações têm como foco a difusão do conhecimento sobre as temáticas relativas à afrobrasilidade e aos Direitos Humanos por meio de um grupo de estudos, de um cineclube, de promoção de rodas de conversas, da criação de um acervo de livros específicos para a biblioteca do campus e da curadoria e produção de material informativo multimídia online, em parceria com outros projetos e laboratórios dos cursos do centro universitário. O projeto também tem atividades em parceria com entidades da sociedade civil. Todas as atividades são realizadas com envolvimento orientado de estudantes da Una e representantes de entidades parceiras e são abertas ao público em geral. Em 2020, o projeto envolveu estudantes, egressas e professoras dos cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo, Cinema, Direito, Economia, Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Psicologia e Serviço Social da Una e estudantes de pós-graduação integrantes do laboratório de pesquisa Cosmópolis, da Escola de Arquitetura da UFMG.

Tatiana Carvalho Costa – Professora do Centro Universitário UNA desde 2007 e coordenadora do PRETANÇA. Na Universidade Federal de Minas Gerais, integra os grupos de estudos/pesquisa CORAGEM- Comunicação, Raça e Gênero e Poéticas da Experiência, além de ser colaboradora do NUH – Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT. Colabora com mostras e festivais como curadora, programadora e júri. Atua também como consultora de roteiros de filmes e outros produtos audiovisuais.



NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS (NEAB) – UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UERJ)

O NEAB UERJ tem como objetivos estimular a produção de pesquisas, projetos de extensão e de cursos de extensão e aperfeiçoamento vinculados à questão étnico-racial brasileira. Registrado em 2006, conta hoje com a participação de oito professoras e professores da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, sob coordenação da Profa. Dra. Maria Alice Rezende Gonçalves.

Desde os anos 2000, o NEAB oferece cursos gratuitos para a comunidade interna e externa e tem desenvolvido pesquisas e ações que possibilitaram a publicação, a partir de 2013, da Série “A Lei 10639/03 e a Formação de Educadores”, que hoje conta com 5 volumes. Traçamos para este debate a experiência com a produção de dois dos volumes, vídeos em animação stop motion realizados na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com estudantes da graduação e financiados pelo MEC/Uniafro/FNDE (3º volume, 2013) e pela FAPERJ – Edital de Apoio à produção de material didático para atividades de ensino e/ou pesquisa (5º volume, 2017).

Ana Paula Alves Ribeiro – Pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros/UERJ desde 2006. Antropóloga, professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Departamento de Formação de Professores). Procientista/UERJ. Coordenadora do Programa de Extensão Museu Afrodigital Rio de Janeiro (Decult/PR-3/UERJ) e do Laboratório de Experimentações Artísticas e Reflexões Criativas sobre Cidades, Saúde e Educação (LEARCC/FEBF/UERJ).

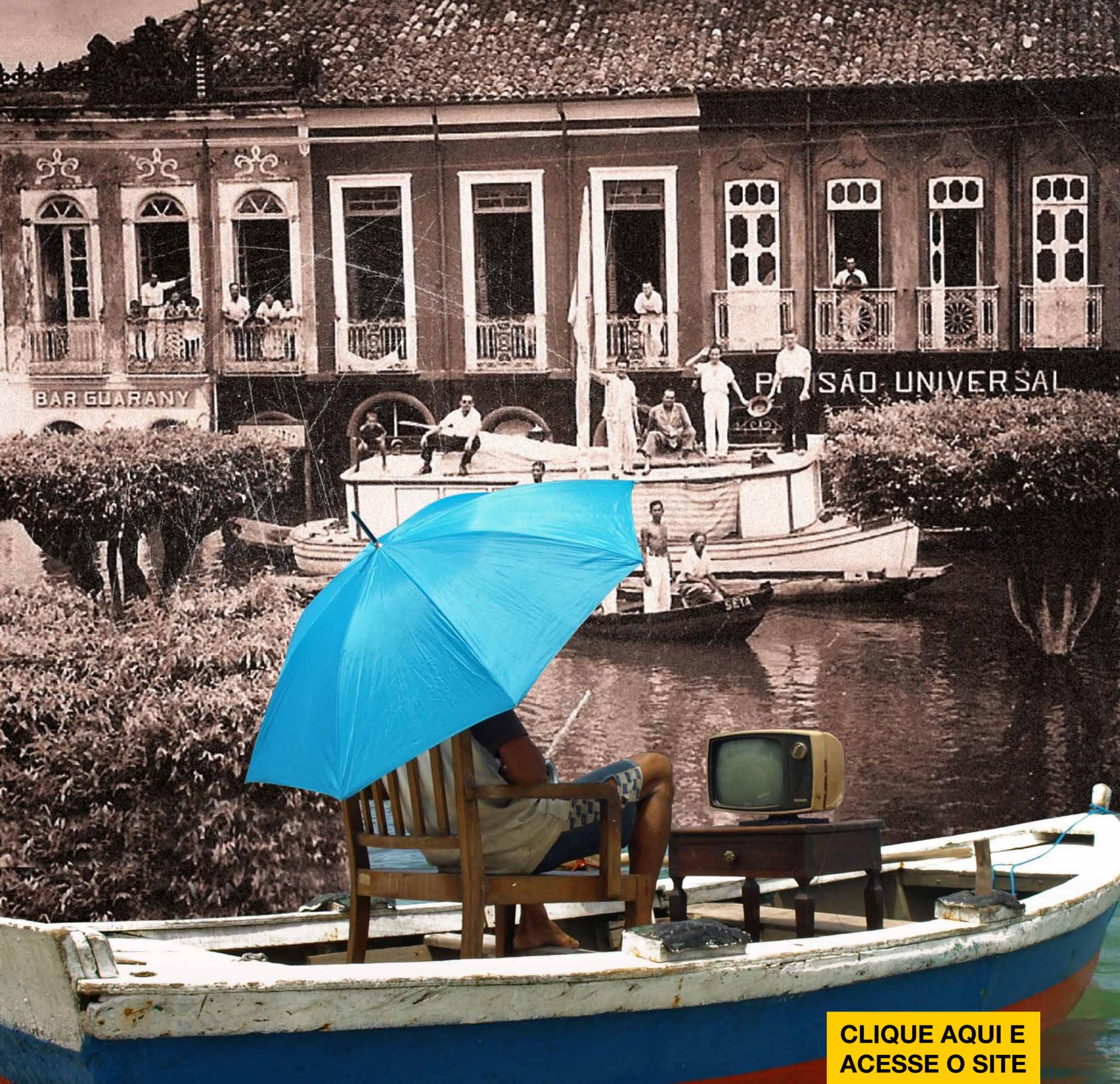


CINECLUBE CINEMA EM TRANSE – UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA (UNISUL)

O Cineclube Cinema em Transe surge em 2009 como potencialização da troca de saberes, oferecendo oportunidade para que alunos e professores, de qualquer curso da Unisul, possam se reunir em torno da obra audiovisual para a reflexão sobre temas, estéticas e políticas e sua relevância para o mundo contemporâneo. Contudo, observou-se nas primeiras exposições do Cineclube que muitas vezes os debates tinham que terminar devido ao tempo, mas que as discussões ainda estavam longe de serem encerradas. Havia a necessidade de ampliar os espaços para a reflexão sobre os filmes. Diante dessa urgência, em parceria com o programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, criamos um grupo de estudo para intensificar o debate e incrementar o pensamento criativo a respeito do cinema, partindo de textos selecionados pela relevância na teoria do cinema contemporâneo. A curadoria é feita de forma compartilhada entre extensionistas e professores e busca um recorte que possibilite o acesso à diversidade de linguagens e códigos culturais, procurando pela fricção entre imagem e mundo.

Ramayana Lira – Coordenadora do Cineclube Cinema em Transe. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem e do curso de graduação em cinema e realização audiovisual da Universidade do Sul de Santa Catarina. Co-organizadora de três livros sobre cinema. Pesquisadora permanente do Instituto de Estudos de Gênero (UFSC). Presidente do Fundo Municipal de Cinema de Florianópolis.





[CLIQUE AQUI E
ACESSE O SITE](#)

LANÇAMENTO DO LIVRO **DESAGUAR EM CINEMA: DOCUMENTÁRIO, MEMÓRIA E AÇÃO COM O CACHOEIRADOC**

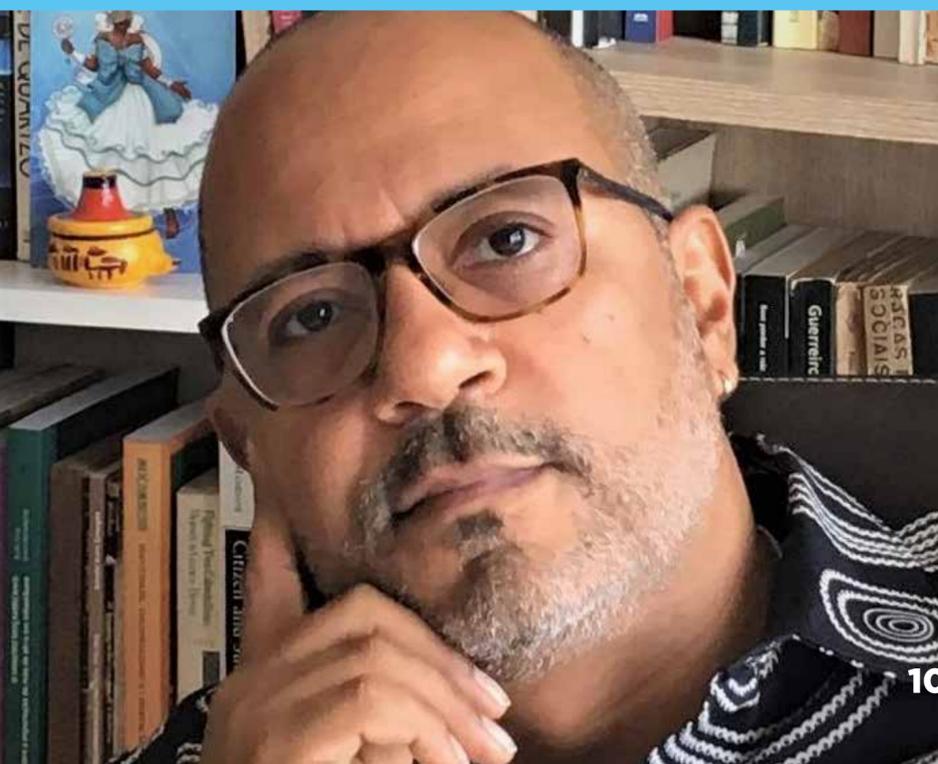
Desaguar em cinema: documentário, memória e ação com o CachoeiraDoc reúne um conjunto de reflexões que emergiram nos dez anos de realização do festival, num registro memorial em diálogo com diversas áreas do conhecimento, como cinema, antropologia, educação, política, arte e cultura.

Convidamos alguns dos 17 autores que fazem parte do livro para falar um pouco sobre seu trabalho e as reflexões no, com e do CachoeiraDoc.



No dia 17, quinta-feira, às 11h, participam do encontro Adriano Garrett, Izabel Melo e Maria Cardozo. Mediados por Leonardo Costa, cada um apresenta um pouco sobre os trabalhos de sua autoria. Enquanto o jornalista, crítico e pesquisador de cinema, Adriano Garrett, escreveu sobre as particularidades do CachoeiraDoc no cenário de festivais brasileiros, Izabel Melo, que é professora da UNEB e doutora em meios e processos audiovisuais (ECA/USP), pensa sobre pontos de aproximação entre os eventos Jornada de Cinema da Bahia e o CachoeiraDoc. Já Maria Cardozo reflete sobre curadoria da perspectiva das mulheres. Ela é idealizadora e diretora de programação do Fincar – Festival Internacional de Cinema de Realizadoras.

O segundo encontro online será no dia 18, sexta-feira, às 11h, com a presença online de Osmundo Pinho e Rosângela de Tugny, com mediação de Amaranta Cesar. O antropólogo Osmundo Pinho comenta seu artigo “Black Border: o corpo e a luta no cinema negro”, no qual coloca questões de natureza teórica, política e estética em diálogo com filmes exibidos no CachoeiraDoc em 2017, sobre as possibilidades da representação do corpo negro, que não está apenas em luta, mas é a confluência objetivada do concerto de massacres sem reparação. Já Rosângela de Tugny, professora da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), falará sobre o texto escrito com Bernard Belisário: “Cantos, luto e resistência Tikmũ’ũn (Maxakali) no filme GRIN (2016)”.





[CLIQUE AQUI E
ACESSE O SITE](#)

CELEBRAÇÃO DE ABERTURA DO CACHOEIRADOC

**NZO ONIMBOYÁ RECEBE
MATEUS ALELUIA**

HOMENAGEM A MAKOTA VALDINA



Nascida em 1943, no Engenho Velho da Federação, bairro popular de Salvador onde passou toda sua vida, Valdina Pinto, conhecida como Makota Valdina, professora, militante negra, ambientalista, defensora dos direitos das mulheres e liderança religiosa, desde a sua juventude já dava lições em palavras e gestos que são cada dia mais atuais. Ela construiu uma trajetória de quem nunca se negou a ir com a sua voz e o seu corpo onde estava a luta, pela vida, pela liberdade, pela justiça e contra o racismo.

E o CachoeiraDoc teve a honra de receber sua presença em muitas de suas edições. Em 2013, na ocasião da Mostra Áfricas: retorno à terra natal, ao debater um dos filmes, ela disse a uma plateia formada majoritariamente por realizadoras, professoras e estudantes de cinema: “veja o quanto essa arte de vocês, essa profissão de vocês pode nos levar muito mais além”. Foi neste ano que Seu Mateus Aleluia, célebre filho de Cachoeira, cantou e tocou ao lado de sua filha e de seu filho, na noite de abertura da quarta edição do CachoeiraDoc. Na plateia, Makota Valdina os acompanhava, cantando: “Cachoeira, foi de Luanda que eu percebi a sua realidade. Olhe pra mim, sou de Cachoeira. Peço, falo, canto a sua liberdade”. Mateus Aleluia e Makota Valdina materializavam ali, numa praça de Cachoeira, os elos, cerzidos e recerzidos, entre a África e a Bahia.

Em 04 de dezembro de 2020, pouco mais de um ano depois da passagem de Makota Valdina, o Nzo Onimboyá, terreiro de nação angola fundado sob sua liderança e da Nengwa Vulasese (Maria Angélica Pinto), receberá a visita de Mateus Aleluia. Em uma homenagem a esta que agora é nossa ancestral, será mais uma celebração de abertura do CachoeiraDoc para renovar os laços entre mundos, o passado, o presente e o futuro.



Acompanham Seu Mateus na celebração os músicos Queinho Pinto, Júnior Pakapym, Márcio Manchinha, Marinho Groove, a família de Makota Valdina. A transmissão do show será por nosso canal do YouTube: www.youtube.com/cachoeiradoc.

Ficha técnica do show

Músicos: Mateus Aleluia, Queinho Pinto, Júnior Pakapym, Márcio Manchinha, Marinho Groove e Adriano Pinto

Captação som: Marcelo Lopes

Assistente de captação: Jailson Paiva (Chulinha)

Mixagem: Braulio Passos

Roteiro: Amaranta Cesar, Júnior Pakapym e Tenille Bezerra

Direção de fotografia e Imagem: Danilo Scaldaferrri, Beбето Junior e Erick Lawrence

Montagem: Beбето Junior

Tratamento de cor: Erick Lawrence

Produção: Leonardo Costa

Agradecimentos especiais: Nengwa Vulasese (Maria Angélica Pinto), Tenille Bezerra

Ficha técnica do vídeo de abertura

Roteiro: Amaranta Cesar

Narração: Jamile Cazumbá

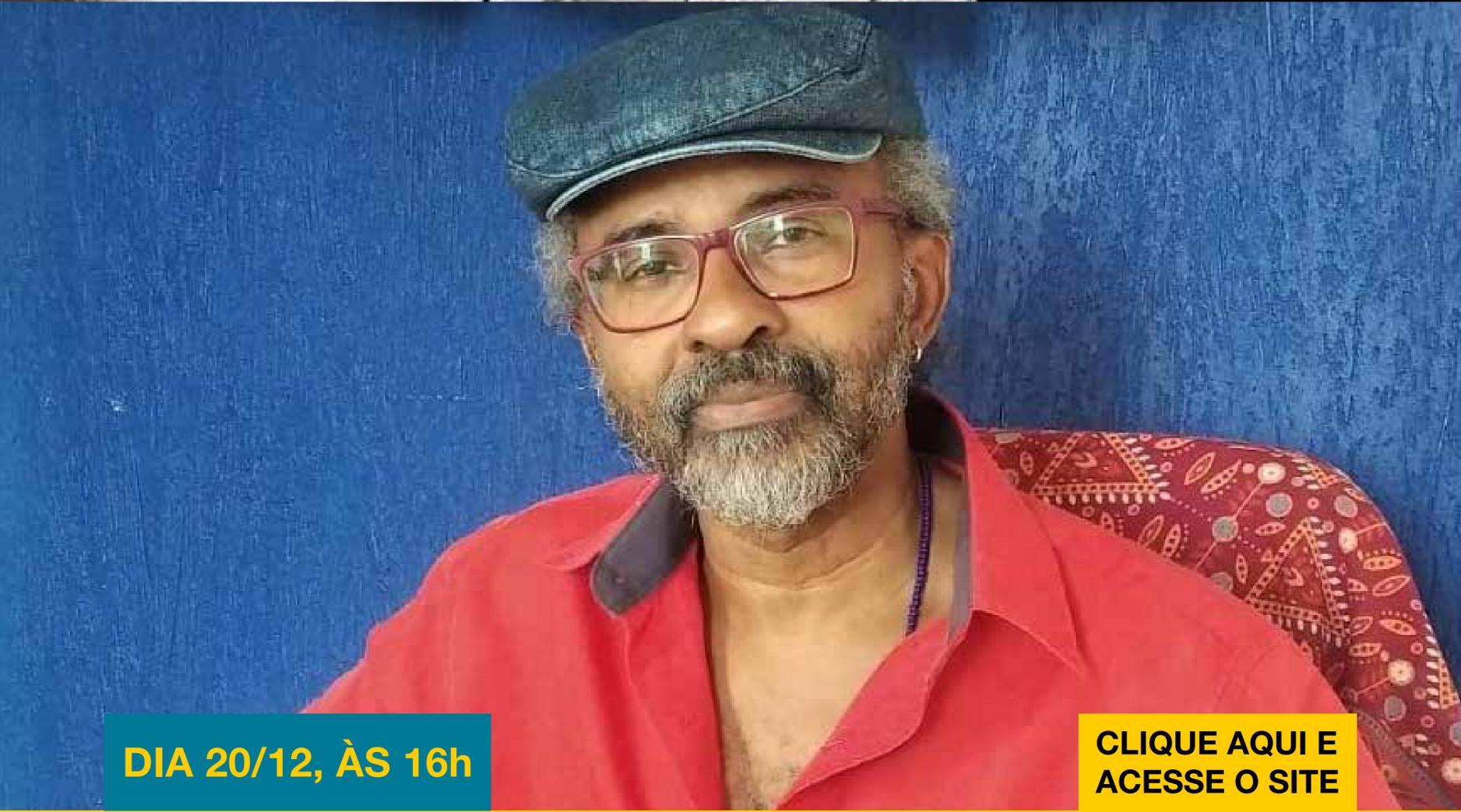
Programação visual: Tiago Ribeiro

Edição: Danilo Scaldaferrri

Edição de Áudio: Marina Mapurunga

Monitores de montagem: Luan Santos, Luana Avelar e Nathália Luz

Músicas: Mateus Aleluia



DIA 20/12, ÀS 16h

**CLIQUE AQUI E
ACESSE O SITE**

À SOMBRA DA ÁRVORE DAS COISAS

ENCERRAMENTO DO
CACHOEIRADOC

**COM TIGANÁ SANTANA
E LANDE ONAWALE**

Em sua tese de doutorado, Tiganá Santana afirma: “a posição fundamental ancestral, ampara a posição do porvir de uma sociedade. Sem a determinação de tal posição, o porvir social, econômico e político de seu povo é fadado à servidão e ao embrutecimento”¹.

Defendido no mesmo dia da passagem de Valdina Pinto (Makota Zimewanga ou Makota Valdina, como ficou conhecida), o estudo de Tiganá sobre a cosmologia bântu-kongo, a partir de Bunseki Fu-Kiau, faz ressoar as pesquisas da líder religiosa, e sua relação com este filósofo congolês. Como ela, Tiganá amalgama, de modo singular, filosofia, espiritualidade e educação.

Em diálogo com o poeta, contista e compositor Lande Onawale, que partilhou com Makota Valdina muita vivência religiosa e política, e com a participação especial de sua sobrinha Alice Pinto, o encerramento do CachoeiraDoc é um ato poético, filosófico e musical para afirmar a ancestralidade e o porvir, em reverência à memória e também àqueles que sustentam e cultivam, no presente e para o futuro, um legado.

1 SANTOS, Tiganá Santana. A cosmologia africana dos Bantu-Kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil. Tese de doutorado defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2019, pg. 216.

TIGANÁ SANTANA é professor no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC/UFBA). Suas pesquisas voltam-se, principalmente, para as línguas, linguagens e cosmologias africanas, com ênfase nas línguas-cultura bantu, estabelecendo-se os cruzamentos entre tais chaves de pensamento e aquelas provenientes de outras experiências culturais de existência não ocidentais e ocidentais. Ele foi o primeiro compositor da história fonográfica brasileira a apresentar, como compositor (e intérprete), um álbum musical com obras em línguas africanas.

LANDE ONAWALE nasceu e mora em Salvador, Bahia. Militante do Movimento Negro Brasileiro, é poeta, contista, compositor. Tem publicado poemas e contos em antologias diversas. É autor dos livros de poemas *O Vento* (2003), *Kalunga – poemas de um mar sem fim/poems of an infinite sea* (2011), e *Pretices & Milongas* (2019). Lande é xicarangoma do Terreiro Nzo Onimboyá e, junto com a professora da UFBA América César, trabalharam na edição de texto, revisão e escrita da apresentação do livro *Meu caminhar, meu viver*, autobiografia de Valdina de Oliveira Pinto, a Makota Valdina, homenageada neste *CachoeiraDoc/2020*. Lande é um dos criadores e coordenadores do projeto *Quartinhos de Aruá – encontros de literatura negra*, atividade que objetiva valorizar o pensamento e a literatura feita por negros no Brasil, África ou Diáspora.



OFICINAS



OLHARES NEGROS

ministrada por SAFIRA MOREIRA

Como narrar a partir de uma fotografia? A oficina Olhares Negros investiga as possibilidades do uso da imagem de arquivo no cinema, com foco nas fotografias de família. Quatro encontros teórico-práticos com visionamento de trechos de filmes, leituras de imagens, debates e estudos sobre montagem. Por fim, o participante é convidado a criar um curta-metragem a partir de seus arquivos pessoais.

A oficina inspira-se no projeto autoral de Safira Moreira, a série Olhares Negros, inaugurada em 2020, e até o momento com sete episódios, tendo como plataforma o IGTV.

ACONTECERÁ ENTRE 16 E 19 DE DEZEMBRO, DAS 15h ÀS 17h.
OFICINA GRATUITA E ONLINE PARA 20 PESSOAS.

SAFIRA MOREIRA é diretora de fotografia, diretora e roteirista, formou-se em cinema na Escola de Cinema Darcy Ribeiro. Roteirizou, dirigiu e montou seu primeiro curta metragem “Travessia”, premiado em diversos festivais nacionais e internacionais; distribuído pela Vitrine Filmes em 2018; e em 2019 filme de abertura do Festival Internacional de Rotterdam. Dirigiu a fotografia do curta “Eu, minha mãe e Wallace” (Irmãos Carvalho) premiado como Melhor Filme pelo júri popular do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro e do longa-metragem “A Matéria Noturna” (Bernard Lessa), premiado como melhor filme na mostra Futuro Brasil no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Em 2019 roteirizou e dirigiu a série documental “Iyas Idanas – Mulheres da Cozinha”, em fase de montagem. Este ano lançou a obra “Nascente”, no Programa Convida do Instituto Moreira Salles.



PLANO DE FUGA COMO IMAGINAÇÃO – ESTUDANDO O PENSAMENTO RADICAL NEGRO

ministrada por MUSA MICHELLE MATTIUZZI

“A fugitividade é um conceito proposto por Fred Moten, meu intuito nesse curso é criar um diálogo com esse conceito e pensar a radicalidade a partir das experiências que tive no processo do fazer artístico. Proponho o estudo das criações que produzem contra narrativas pretas, que são planos para a descolonização da imagem preta dentro do regime de visibilidade e representatividade, esse estudo são investigações de criações pautados na contradição dos projetos coloniais de destruição. São filmes realizados pelo processo de exclusão e negação. Esse curso tem o intuito de exercitar a imaginação para entender como um plano de fuga pode emergir de uma negação histórica”. Musa Michelle Mattiuzzi

OFICINA GRATUITA E ONLINE PARA 45 PESSOAS.

PERÍODO: DE 11 A 13 DE DEZEMBRO DE 2020

HORÁRIO: 16H ÀS 19H (DIAS 11 E 12), 16H ÀS 18H (DIA 13)

Musa Michelle Mattiuzzi (São Paulo, SP, 1983) é performer, artista visual, diretora de cinema, escritora e pesquisadora do pensamento radical negro. É graduada em Comunicação das Artes do Corpo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Seus trabalhos se apropriam do/e subvertem o lugar exótico atribuído ao corpo da mulher negra pelo imaginário cisnormativo branco, que o transforma numa espécie de aberração, entidade dividida entre o maravilhoso e o abjeto. Apresentou a obra Jardim da Abolição para a Bienal do Mercosul, 2020. Participou da Exposição coletiva Hubert Fichte Love and Ethnology na HKW, Berlin, 2019. Atualmente dirige a plataforma “rethinking aesthetics of the colony” em parceria com o Goethe Institut São Paulo e Global Condition Working Group (GCWG).



CRÍTICA E CRISE, CACHOEIRA À VISTA

ministrada por INGÁ

Enquanto a possibilidade comunitária de um festival de cinema acontece no terreno virtual, nos deparamos com o desafio de reativar a cidade e o local no engajamento com os filmes, seus corpos e suas relações com a vida. Noutro desafio contemporâneo, a crítica na formalidade em que a conhecemos atinge um esgotamento e a necessidade de transmutação dos seus pressupostos. Se a cidade de Cachoeira nos interpela a olhar para os filmes a partir das matizes e paisagens sonoras locais, como a produção dessa presença em potência nos recoloca diante do exercício crítico? De que maneira fazer um filme ressoar na escrita mobiliza uma energia de implicação na coletividade de um festival no qual não pisamos? Incorporar ferramentas que deem conta do incômodo, do mal-estar e da geração de saúde que podem ser colhidas em terrenos variados que não só o cinema propriamente dito, nessa zona movediça que constitui a própria definição de documentário. Trabalharemos essas questões ao longo dos encontros em que a(o)s participantes exercitarão a escrita e outros experimentos críticos como um modo de acompanhar as sessões do CachoeiraDoc. Os textos feitos durante a oficina serão publicados no site do festival.

OFICINA COM 5 ENCONTROS DE 2 HORAS, TOTALIZANDO UMA CARGA HORÁRIA DE 10H. ENCONTROS REMOTOS NOS DIAS 04, 05, 06, 11 E 12 DE DEZEMBRO, DAS 16h ÀS 18h (COM EXCEÇÃO DO DIA 05/12, QUE SERÁ DAS 14h ÀS 16h).

INGÁ é coeditora e redatora da Revista Cinética, onde tem se dedicado a investigar outros formatos de crítica como a escrita coletiva e o vídeo ensaio. Fez a cobertura escrita dos festivais Janela Internacional de Cinema do Recife, Fronteira Festival do Filme Experimental e Mostra de Cinema de Tiradentes. Atuou facilitando oficinas de vídeo nos projetos Fazer o mundo, fazer o vídeo, Inventar com a diferença e Vídeo nas aldeias. Programa sessões de cinema com o coletivo Catucá, a Aldeia Marakanã e integrou a comissão de seleção de curtas-metragens no XII Janela Internacional de cinema do Recife. É natural de Olinda (PE) e estuda licenciatura em cinema e vídeo na UFF.



ZAP DOC

ministrada por **POR STEPHANIE SOBRAL (TEPHA) E OTÁVIO CONCEIÇÃO**, estudantes do curso de cinema da UFRB.

Oficina de vídeo via WhatsApp para estudantes de escolas públicas de Ensino Médio de Cachoeira e/ou São Félix. Objetiva oferecer uma introdução na linguagem e na prática audiovisual.

A OFICINA ACONTECERÁ ENTRE OS DIAS 21 DE NOVEMBRO A 05 DE DEZEMBRO, COM ATÉ 30 PESSOAS.

TEPHA trabalha com fotografia still desde 2013. Dirigiu dois curtas, atuou como assistente de fotografia em cinco filmes produzidos em Cachoeira (BA), trabalhou com registros fotográficos de peças teatrais, produzidas na Escola de Teatro Macunaíma (SP), e comoicineira de fotografia, pelo Movimento Cultural MOCUPIJA, em Pirituba (SP). Atualmente, participa dos grupos de pesquisa GEPDOC (Grupo de Estudos e Práticas em Documentário), VISU (Pesquisa e Extensão em Arte, Imagem e Visualidades da Cena), além de SONatório (Laboratório de Pesquisa, Prática e Experimentação Sonora).

OTÁVIO trabalha como roteirista e captador de som em filmes. Participou do Cineclube Mário Gusmão ao longo de dois anos. Atuou na captação de sete curtas-metragens e roteirizou dois filmes autorais, “Black Friends Forever” e “Desamor”. Atualmente, é assistente de curadoria no Cachoeiradoc 2020 e Coordena o Viu&Review, blog de críticas.

Colaboraram também com a oficina Charles Moraes, Gabriel Ferraz e João Paulo Rodrigues.

FICHA TÉCNICA

Idealização e Coordenação artística e curatorial: Amaranta Cesar

Coordenação pedagógica: Ana Rosa Marques

Coordenação de Produção: Fernanda Pimenta e Leonardo Costa

Curadoria da Mostra Futuro, como presente, no passado: Evelyn Sacramento, Fabio Rodrigues, Kênia Freitas, Patrícia Mourão, Ramayana Lira e Rayanne Layssa

Assistentes de Curadoria: Álex Antonio e Otávio Conceição

Coordenação técnica e Vinhetas: Danilo Scaldaferrri

Produção de logística de filmes: Rafael Urban

Produção executiva: Laís Lima

Monitoria: Alderivo Amorim, César Augusto Bispo, Elisa Silva, Ema Ribeiro, Letícia Cristina, Lígia Franco, Luan Santos, Luana Avelar, Marta Silva, Nathália Luz, Stephanie Sobral

Coordenação de Comunicação: Fernanda Pimenta

Social Media: Maria Clara Lima

Assessoria de Imprensa: Luis Fernando Lisboa

Programação Visual: Tiago Ribeiro

Spot rádio: Evelin Buchegger e Emerson Cabral

Site: desenvolvido pela Ritos Produções (Fernanda Pimenta e Leonardo Costa)

Agradecimentos: Nengwa Vulasese (Maria Angélica Pinto), Tenille Bezerra, Rose Lima, Gordo Neto, Vitor Barreto, Osmundo Pinho, Emi Koide, Amilcar Packer, Tiago Cesar e Direção do CAHL



CACHOEIRADOC

IX FESTIVAL DE DOCUMENTÁRIOS DE CACHOEIRA

www.cachoeiradoc.com.br

Realização:

CURA E
CULTURA

Co-Realização:



Apoio:



Apoio Financeiro:



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA
DA FAZENDA